

L. S. Vigotski

**A CONSTRUÇÃO
DO PENSAMENTO
E DA LINGUAGEM**

*(Texto integral, traduzido do russo
Pensamento e linguagem)*

*Tradução: PAULO BEZERRA – Professor Livre-Docente
em Literatura Russa pela USP*



wmf martinsfontes

SÃO PAULO 2009

*Esta obra foi publicada originalmente em russo com o título
MICHLIËNIE I RIETCH.
Copyright © Vigotskiy L. S., Moscow.
Copyright © 2001, Livraria Martins Fontes Editora Ltda.,
São Paulo, para a presente edição.*

1ª edição 2001
2ª edição 2009
2ª tiragem 2010

Tradução
PAULO BEZERRA

Revisão gráfica
Teresa Cecília de Oliveira Ramos
Ana Luíza França
Produção gráfica
Geraldo Alves
Paginação/Fotolitos
Studio 3 Desenvolvimento Editorial

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Vigotsky, Lev Semenovich, 1869-1934.
A construção do pensamento e da linguagem / Lev Semenovich
Vigotsky ; tradução Paulo Bezerra. – 2ª ed. – São Paulo : Editora
WMF Martins Fontes, 2009. (Biblioteca pedagógica)

Título original: Michliënie I Rietch.
“(Texto integral, traduzido do russo Pensamento e Linguagem)”
ISBN 978-85-7827-077-3

1. Linguagem 2. Pensamento 3. Psicologia infantil I. Título.

09-00897 CDD-155.413

Índices para catálogo sistemático:

1. Pensamento e linguagem : Construção :
Psicologia infantil 155.413
2. Linguagem e pensamento : Construção :
Psicologia infantil 155.413

*Todos os direitos desta edição reservados à
Editora WMF Martins Fontes Ltda.*

*Rua Conselheiro Ramalho, 330 01325-000 São Paulo SP Brasil
Tel. (11) 3293.8150 Fax (11) 3101.1042*

e-mail: info@wmfmartinsfontes.com.br http://www.wmfmartinsfontes.com.br

Índice

Prólogo do tradutor VII
Prefácio do autor XV

1. O problema e o método de investigação 1
2. A linguagem e o pensamento da criança na teoria
de Piaget 19
3. O desenvolvimento da linguagem na teoria de Stern 97
4. As raízes genéticas do pensamento e da linguagem 111
5. Estudo experimental do desenvolvimento dos
conceitos 151
6. Estudo do desenvolvimento dos conceitos científicos
na infância 241
7. Pensamento e palavra 395

Bibliografia 487

Relação das obras do professor L. S. Vigotski 491

básico e a idéia condutora de todo o nosso trabalho: no momento da assimilação da nova palavra, o processo de desenvolvimento do conceito correspondente não só não se conclui como está apenas começando. Quando está começando a ser apreendida, a nova palavra não está no fim mas no início do seu desenvolvimento. Nesse período ela é sempre uma palavra imatura. O gradual desenvolvimento interno do seu significado redundando também no amadurecimento da própria palavra. Aqui, como em toda parte, o desenvolvimento do aspecto semântico é o processo básico e decisivo do desenvolvimento do pensamento e da linguagem da criança. Como diz Tolstói, a palavra quase sempre está pronta quando o conceito está pronto; isto quando se costumava supor que o conceito estivesse sempre pronto quando a palavra estava pronta.

7. *Pensamento e palavra*

Esqueci a palavra que pretendia dizer,
e meu pensamento, privado de sua substância,
volta ao reino das sombras*.

I

Começamos o nosso estudo pela tentativa de elucidar a relação interior entre o pensamento e a palavra nos estágios mais primários do desenvolvimento filogenético e ontogenético. Descobrimos que o início do desenvolvimento do pensamento e da palavra, período pré-histórico na existência do pensamento e da linguagem, não revela nenhuma relação e dependência definidas entre as raízes genéticas do pensamento e da palavra. Deste modo, verifica-se que essas relações, incógnitas para nós, não são uma grandeza primordial e dada antecipadamente, premissa, fundamento ou ponto de partida de todo um ulterior desenvolvimento, mas surgem e se constituem unicamente no processo do desenvolvimento histórico da consciência humana, sendo, elas próprias, um produto e não uma premissa da formação do homem.

Até mesmo no ponto supremo da evolução animal – entre os antropóides – a linguagem, perfeitamente semelhante à do homem em termos fonéticos, não revela nenhum vínculo com

.....
* Palavras de um poema de Óssip Mandelstam, segundo o organizador da edição americana resumida de *Pensamento e linguagem*. (N. do T.)

o intelecto, também semelhante ao do homem. Também no estágio inicial do desenvolvimento da criança, poderíamos, sem dúvida, constatar a existência de um estágio pré-intelectual no processo de formação da linguagem e de um estágio pré-linguagem no desenvolvimento do pensamento. O pensamento e a palavra não estão ligados entre si por um vínculo primário. Este surge, modifica-se e amplia-se no processo do próprio desenvolvimento do pensamento e da palavra.

Entretanto, como procuramos demonstrar desde o início da nossa investigação, seria incorreto conceber o pensamento e a linguagem como dois processos em relação externa entre si, como duas forças independentes que fluem e atuam paralelamente uma à outra ou se cruzam em determinados pontos da sua trajetória, entrando em interação mecânica. A ausência de um vínculo primário entre o pensamento e a palavra não significa, de maneira nenhuma, que esse vínculo só possa surgir como ligação externa entre dois tipos essencialmente heterogêneos de atividade da nossa consciência. Ao contrário, como procuramos mostrar desde o início do nosso trabalho, a falha metodológica principal da imensa maioria de investigações do pensamento e da linguagem – falha essa que determinou a esterilidade deste trabalho – está justamente naquela concepção das relações entre pensamento e palavra que considera esses dois processos como dois elementos autônomos, independentes e isolados, cuja unificação externa faz surgir o pensamento verbalizado com todas as suas propriedades inerentes.

Procuramos mostrar que o método de análise daí decorrente estava antecipadamente condenado ao fracasso por uma simples razão: para explicar as propriedades do pensamento discursivo como uma totalidade, ele decompunha essa totalidade nos seus elementos constituintes – em pensamento e linguagem, que não contêm propriedades inerentes a essa totalidade – e, desta forma, fechava antecipadamente o caminho para a explicação dessas propriedades. Nós assemelhamos o pesquisador que aplicava esse método a uma pessoa que, ao tentar explicar

por que a água apaga o fogo, iria tentar decompor a água em oxigênio e hidrogênio e ficaria surpresa ao perceber que o oxigênio mantém a combustão enquanto o hidrogênio é inflamável. Procuramos mostrar, ainda, que essa análise, baseada no método da decomposição em elementos, não é propriamente uma análise do ponto de vista da sua aplicação à solução de problemas concretos em algum campo definido dos fenômenos. Trata-se mais de uma projeção ao geral do que de uma decomposição interna e de uma divisão do particular contida no fenômeno suscetível de explicação. Por sua própria essência, esse método leva mais à generalização que à análise. Em realidade, afirmar que a água é formada de oxigênio e hidrogênio significa dizer que a mesma coisa se aplica a toda a água em geral e igualmente a todas as suas propriedades: ao grande oceano nas mesmas proporções que a uma gota de chuva, à propriedade que tem a água de apagar o fogo na mesma proporção que à lei de Arquimedes. De igual maneira, afirmar que o pensamento verbal contém os processos intelectuais e as funções propriamente verbais significa afirmar uma coisa que diz respeito a todo o pensamento verbal e a todas as suas propriedades e, assim, implica não dizer nada sobre cada problema concreto que se coloca diante da investigação do pensamento discursivo.

Por tudo isso, desde o início procuramos assumir outro ponto de vista, dando a todo o problema outro enfoque e aplicando à pesquisa outro método de análise. Procuramos substituir a análise que aplica o método da decomposição em elementos pela análise que desmembra a unidade complexa do pensamento discursivo em unidades várias, entendidas estas como produtos da análise que, à diferença dos elementos, não são momentos primários constituintes em relação a todo o fenômeno estudado mas apenas a alguns dos seus elementos e propriedades concretas, os quais, também diferentemente dos elementos, não perdem as propriedades inerentes à totalidade e são suscetíveis de explicação mas contêm, em sua forma primária e simples, aquelas propriedades do todo em função das quais se empreen-

de a análise. A unidade a que chegamos na análise contém, na forma mais simples, as propriedades inerentes ao pensamento discursivo enquanto unidade.

Encontramos no *significado* da palavra essa unidade que reflete da forma mais simples a unidade do pensamento e da linguagem. O significado da palavra, como tentamos elucidar anteriormente, é uma unidade indecomponível de ambos os processos e não podemos dizer que ele seja um fenômeno da linguagem ou um fenômeno do pensamento. A palavra desprovida de significado não é palavra, é um som vazio. Logo, o significado é um traço constitutivo indispensável da palavra. É a própria palavra vista no seu aspecto interior. Deste modo, parece que temos todo o fundamento para considerá-la como um fenômeno de discurso. Mas, como nos convencemos reiteradas vezes, ao longo de toda nossa investigação, do ponto de vista psicológico o significado da palavra não é senão uma generalização ou conceito. Generalização e significado da palavra são sinônimos. Toda generalização, toda formação de conceitos é o ato mais específico, mais autêntico e mais indiscutível de pensamento. Conseqüentemente, estamos autorizados a considerar o significado da palavra como um fenômeno de pensamento.

Assim, o significado da palavra é, ao mesmo tempo, um fenômeno de discurso e intelectual, mas isto não significa a sua filiação puramente externa a dois diferentes campos da vida psíquica. O significado da palavra só é um fenômeno de pensamento na medida em que o pensamento está relacionado à palavra e nela materializado, e vice-versa: é um fenômeno de discurso apenas na medida em que o discurso está vinculado ao pensamento e focalizado por sua luz. É um fenômeno do pensamento discursivo ou da palavra consciente, é a *unidade* da palavra com o pensamento.

Achamos que esta tese fundante de toda a nossa investigação dificilmente necessitaria de novas confirmações depois de tudo o que afirmamos. Nossos estudos experimentais confirmaram inteiramente e justificaram esta tese, mostrando que, ao

operar com o significado da palavra como unidade do pensamento discursivo, nós efetivamente descobrimos a possibilidade real de estudo concreto do desenvolvimento discursivo e da explicação das suas mais importantes peculiaridades nos diferentes estágios. Entretanto, o resultado principal de todas as nossas investigações não é essa tese em si mas o que descobrimos posteriormente como o resultado mais importante e central de toda a nossa pesquisa. O novo e essencial que essa investigação introduz na teoria do pensamento e da linguagem é a descoberta de que os significados das palavras *se desenvolvem*. A descoberta da mudança dos significados das palavras e do seu desenvolvimento é a nossa descoberta principal, que permite, pela primeira vez, superar definitivamente o postulado da constância e da imutabilidade do significado da palavra, que servira de base a todas as teorias anteriores do pensamento e da linguagem. Do ponto de vista da velha psicologia, a ligação entre a palavra e o significado é uma simples ligação associativa, que se estabelece em função da reiterada coincidência, na consciência, da impressão deixada pela palavra e da impressão deixada pelo objeto designado por essa palavra. A palavra lembra o seu significado da mesma forma que o casaco de um homem conhecido lembra esse homem ou o aspecto externo de um edifício lembra os seus moradores. Desse ponto de vista, o significado da palavra, uma vez estabelecido, não pode deixar de desenvolver-se e sofrer modificações. A associação que vincula a palavra ao significado pode ser reforçada ou debilitada, pode ser enriquecida por uma série de vínculos com outros objetos da mesma espécie, pode, pela aparência ou a contigüidade, estender-se a um círculo mais amplo de objetos ou, ao contrário, pode restringir esse círculo. Noutros termos, pode sofrer uma série de mudanças quantitativas e externas mas não pode mudar a sua natureza psicológica interior, uma vez que, para tanto, deveria deixar de ser o que é, ou seja, uma associação.

É natural que, do ponto de vista do desenvolvimento do aspecto fonético da fala, o desenvolvimento do significado das

palavras se torne inexplicável e impossível. Isto se manifestou tanto na lingüística quanto na psicologia da linguagem da criança e do adulto. A semasiologia, a área da lingüística que estuda o aspecto semântico da linguagem, assimilou a concepção associativa da palavra e até hoje considera o significado como uma associação entre a forma sonora da palavra e o seu conteúdo concreto. Por isso, todas as palavras – das mais concretas às mais abstratas – são igualmente construídas no aspecto semântico e não contêm nada de específico do discurso como tal, uma vez que o vínculo associativo, que une palavra e significado, constitui a base psicológica do discurso consciente na mesma medida em que constitui a base de processos como aquele em que um homem se lembra de outro só ao ver o seu casaco. A palavra nos infunde a lembrança do seu significado como qualquer coisa nos faz lembrar outra coisa. Por isso, não surpreende que a semântica, não encontrando nada de específico no vínculo da palavra com o significado, tenha sido incapaz de levantar a questão do desenvolvimento do aspecto semântico da linguagem, a questão do desenvolvimento dos significados das palavras. Reduziu todo o desenvolvimento exclusivamente à mudança dos vínculos associativos entre palavras isoladas e objetos isolados: antes a palavra podia significar um objeto, depois ser vinculada a outro por associação. Assim, o casaco, depois de passar de um dono a outro, pode lembrar antes uma pessoa e depois outra. O desenvolvimento do aspecto semântico do discurso se esgota, para a lingüística, nas mudanças do conteúdo concreto das palavras, mas essa disciplina continua a ignorar a idéia de que, no processo do desenvolvimento histórico da língua, modificam-se a estrutura semântica dos significados das palavras e a natureza psicológica desses significados, a ignorar que o pensamento lingüístico passa das formas inferiores e primitivas de generalização a formas superiores e mais complexas, que encontram expressão nos conceitos abstratos, e, finalmente, que no curso do desenvolvimento histórico da palavra modificam-se tanto o conteúdo concreto da pala-

vra quanto o próprio caráter da representação e da generalização da realidade na palavra.

De igual maneira, o ponto de vista associativo leva à impossibilidade e à inexplicabilidade do desenvolvimento do aspecto semântico da linguagem na idade infantil. O desenvolvimento do significado da palavra da criança pode reduzir-se a mudanças puramente externas e quantitativas dos vínculos associativos que unificam palavra e significado, e ao enriquecimento e consolidação desses vínculos, e só. É inexplicável o ponto de vista associativo segundo o qual a própria estrutura e a natureza do vínculo entre a palavra e o significado podem modificar-se e efetivamente se modificam no curso do desenvolvimento da linguagem infantil.

Por último, desse mesmo ponto de vista, no funcionamento do pensamento discursivo de um homem maduro não podemos descobrir nada senão um movimento linear contínuo, que transcorre em uma superfície por vias associativas entre a palavra e o seu significado e entre o significado e a palavra. A compreensão da linguagem consiste numa cadeia de associações, que surge na mente sob a influência das imagens semióticas das palavras. A expressão do pensamento na palavra é um movimento inverso, pelas mesmas vias associativas, dos objetos representados no pensamento às designações verbais desses mesmos objetos. A associação sempre assegura esse vínculo bilateral entre duas representações: uma vez o casaco pode lembrar o homem que o usa, outra vez a aparência do homem pode fazer lembrar o seu casaco. Na interpretação da linguagem e na expressão do pensamento na palavra não há, conseqüentemente, nada de novo e nada de específico em comparação a qualquer ato de memorização e vinculação associativa.

Apesar de a inconsistência da teoria associativa ter sido percebida, demonstrada por via experimental e teórica há muito tempo, isto não se refletiu de nenhuma maneira no destino da concepção associativa da natureza da palavra e do significado. A Escola de Würzburg, que teve como objetivo principal demons-

trar a irredutibilidade do pensamento ao fluxo associativo das representações, a impossibilidade de explicar o movimento, a concatenação e a memorização de idéias do ponto de vista das leis da associação, e demonstrar a existência de leis específicas que regem o fluxo dos pensamentos, além de não ter feito nada em termos de revisão das concepções associativas da natureza da relação entre palavra e significado, nem chegou a cogitar da necessidade dessa revisão. Ela dividiu pensamento e linguagem e, dando a Deus o que é de Deus e a César o que é de César, libertou o pensamento dos grilhões do figurado e do sensível, do poder das leis associativas, transformou-o em ato puramente espiritual e, assim, retomou as fontes da concepção espiritualista pré-científica de Santo Agostinho e Descartes e acabou em um idealismo subjetivo extremado na teoria do pensamento, indo além de Descartes e declarando pelos lábios de Kuelpe: "Nós não só afirmamos 'penso, logo existo' mas também 'o mundo existe como o estabelecemos e definimos'" (35; p. 81). Deste modo, o pensamento foi dado a Deus como o que era de Deus. A psicologia do pensamento passou a tomar abertamente o caminho das idéias de Platão, como o reconheceu o próprio Kuelpe.

Ao mesmo tempo, depois de libertar o pensamento dos grilhões de tudo o que era sensível e transformá-lo em ato espiritual puramente estéril, esses psicólogos o dissociaram da linguagem, deixando-a inteiramente à mercê das leis do associacionismo. O vínculo entre a palavra e o seu significado continuou a ser visto como uma simples associação, inclusive depois dos trabalhos da Escola de Würzburg. Assim, a palavra deixou de ser a expressão externa do pensamento, a sua veste, isenta de qualquer participação em sua vida interior. Nunca o pensamento e a linguagem haviam estado tão dissociados e tão separados um do outro na interpretação dos psicólogos quanto na época da Escola de Würzburg. A superação do associacionismo no campo do pensamento levou a um fortalecimento ainda maior da concepção associacionista de linguagem. Ela foi dada a César como o que era de César.

Os psicólogos dessa corrente, que foram os seguidores dessa linha, além de não terem conseguido modificá-la ainda continuaram a aprofundá-la e desenvolvê-la. Zeltz, por exemplo, que mostrou toda a inconsistência do constelacionismo, em suma, dessa teoria também associacionista do pensamento produtivo, lançou em seu lugar uma nova teoria, que aprofundou e reforçou o divórcio entre o pensamento e a palavra, divórcio esse que se definiu desde o início dos trabalhos dessa corrente. Zeltz continuou a abordar o pensamento em si, divorciado da linguagem, e chegou à conclusão segundo a qual existe uma identidade de princípio entre o pensamento produtivo do homem e as operações intelectuais do chimpanzé. Nesse enfoque, percebe-se o quanto a palavra não introduziu nenhuma mudança na natureza do pensamento, o quanto é grande a independência do pensamento em relação à linguagem.

Nem Ach, que foi o primeiro a fazer do significado da palavra objeto direto de um estudo especial e o primeiro a enveredar pelo caminho da superação do associacionismo na teoria dos conceitos, conseguiu ir além de reconhecer tendências determinantes no processo de formação dos conceitos paralelamente com as tendências associativas. Uma vez surgido, o significado da palavra continua imutável e constante. Concluída a formação do significado da palavra, o caminho de seu desenvolvimento está concluído. Mas isso não foi levado em conta por aqueles psicólogos cujos pontos de vista Ach combateu. A diferença entre eles e seus adversários é apenas uma: eles esboçam de diferentes maneiras esse momento inicial na formação do significado da palavra, mas tanto para ele quanto para os outros esse momento inicial é igual e simultaneamente o ponto final de todo o desenvolvimento do conceito.

A mesma situação criou-se na moderna psicologia estrutural no campo da teoria do pensamento e da linguagem. Essa teoria tentou com mais profundidade, mais coerência e mais princípio que as outras superar a psicologia associacionista como um todo. Por isso, não se limitou a uma solução paliativa do pro-

blema como os seus antecessores. Tentou libertar o pensamento e a linguagem do poder das leis do associacionismo e subordinar ambos às leis da formação estrutural. Mas, para surpresa, essa corrente, a mais progressista em toda a psicologia atual, além de não avançar mais na teoria do pensamento e da linguagem, ainda deu um grande passo atrás em comparação com suas antecessoras.

Antes de mais nada, ela manteve na íntegra o mais profundo divórcio entre pensamento e linguagem, concebendo a sua relação à luz da nova teoria como simples analogia, como redução de ambos os fenômenos a um denominador estrutural comum. A origem das primeiras palavras conscientes na criança foi vista pelos representantes dessa corrente em analogia com as operações do chimpanzé de Köhler. Segundo eles, a palavra passa a integrar a estrutura do objeto e adquire certo significado funcional, como a vara para o macaco entra na estrutura da situação de obtenção do fruto e adquire o valor funcional de instrumento de trabalho. Deste modo, o vínculo entre a palavra e o significado não é mais concebido como simples vínculo associativo e sim como vínculo estrutural. É um grande passo adiante. Mas, se examinarmos atentamente o que nos faculta a nova concepção dos objetos, não será difícil nos convenceremos de que esse passo adiante é mera ilusão e que, no fundo, continuamos onde estávamos: a ver navios da psicologia associacionista.

De fato, a palavra e o objeto que ela nomeia formam uma estrutura única. Mas essa estrutura é absolutamente análoga a qualquer vínculo estrutural entre as duas coisas. Não contém nada de específico da palavra como tal. Quaisquer coisas, seja uma vara, um fruto, a palavra ou o objeto que ela nomeia, confluem em uma estrutura uma segundo as mesmas leis. Mais uma vez a palavra não é outra coisa senão um objeto ao lado de outros objetos. No entanto, permanece fora do campo de visão dos pesquisadores o que distingue a palavra de qualquer outra coisa e a estrutura da palavra de qualquer outra estrutura, como

a palavra representa o objeto na consciência, o que torna a palavra palavra. A negação da especificidade da palavra e da sua relação com os significados, bem como a diluição dessas relações no mar de todos e quaisquer vínculos estruturais, se mantêm integralmente na nova psicologia tanto quanto na antiga.

Em essência, para esclarecer as idéias da psicologia estrutural sobre a natureza da palavra, poderíamos reproduzir o mesmo exemplo com que tentamos esclarecer a idéia da psicologia associacionista sobre a natureza do vínculo entre palavra e significado. Ali se afirmava que a palavra lembra o seu significado tanto quanto o casaco lembra o homem em quem nos habituamos a vê-lo. Esta tese mantém todo o seu vigor também para a psicologia estrutural, uma vez que, para esta, o casaco e o homem que o veste formam uma estrutura uma como a palavra e a coisa que ela nomeia. O fato de o casaco poder nos lembrar o seu dono como o avistar o homem pode nos lembrar o seu casaco também se deve às leis estruturais, segundo a nova psicologia. Assim, o princípio da associação é substituído pelo princípio da estrutura, mas este se estende de modo tão universal e não diferenciado a todas as relações entre os objetos quanto o velho princípio. Os representantes dessa corrente nos dizem que o vínculo entre a palavra e o seu significado se constitui da mesma forma que o vínculo entre a vara e o fruto. Por acaso não se trata do mesmo vínculo que citamos no nosso exemplo? A essência da questão é a seguinte: na nova psicologia como na velha, exclui-se de antemão qualquer possibilidade de explicação das relações específicas da palavra com o significado. Conclui-se de antemão que essa relação não difere essencialmente em nada de nenhuma outra relação eventual entre os objetos. Todos os gatos acabam pardos no escuro da estruturalidade universal, como antes todos acabavam pardos no escuro do associacionismo universal.

Ach tentou superar a associação com o auxílio da tendência determinante, enquanto a nova psicologia o fazia por intermédio do princípio da estrutura, mas em ambos os casos man-

tenham-se integralmente os dois momentos basilares da velha doutrina: em primeiro lugar, o reconhecimento da identidade de princípio do vínculo da palavra e do significado com o vínculo de quaisquer outros dois objetos e, em segundo, o reconhecimento de que o significado da palavra não se desenvolve. Como para a antiga psicologia, para a nova mantém-se em vigor a mesma tese segundo a qual o desenvolvimento do significado da palavra termina no momento em que este surge. É por isso que a alternância de diferentes tendências em psicologia, que fizeram avançar tanto capítulos da psicologia como a teoria da percepção e da memória, deixa a impressão de um cansativo e monótono chover no molhado quando se trata do problema do pensamento e da linguagem. Um princípio substitui o outro. O novo aparece como radicalmente diferente do anterior. Mas na teoria do pensamento e da linguagem tais postulados se assemelham. Como diz um provérbio francês, quanto mais a coisa muda tanto mais continua a mesma.

Se na teoria da linguagem a nova psicologia continua na velha posição e mantém integralmente a concepção de que o pensamento é independente da palavra, no campo da teoria do pensamento ela dá um considerável passo atrás. Isto se manifesta, antes de tudo, em que a nova psicologia tende a negar a existência de leis específicas do pensamento como tal e a dissolvê-las nas leis gerais da estrutura. A Escola de Würzburg promoveu o pensamento à categoria de ato puramente espiritual e deixou a palavra à mercê das associações sórdidas e sensuais. Nisto reside a sua falha principal, mas, apesar de tudo, ela conseguiu distinguir as leis específicas da concatenação, do movimento e do fluxo dos pensamentos das leis mais elementares da concatenação e do fluxo das representações e percepções. Neste sentido, ela esteve acima da nova psicologia. Esta, por sua vez, levou a um denominador estrutural comum as percepções de uma galinha, as operações intelectuais do chimpanzé, a primeira palavra consciente da criança e o desenvolvido pensamento produtivo do homem; não só apagou toda e qualquer

fronteira entre a estrutura da palavra conscientizada e a estrutura da vara e do fruto como ainda apagou a fronteira entre o pensamento nas suas formas mais avançadas e a percepção mais elementar.

Se tentarmos resumir o resultado desse breve apanhado crítico das principais correntes modernas do pensamento e da linguagem, poderemos facilmente reduzir a duas teses básicas o postulado comum a todas essas correntes do pensamento psicológico. Primeiro: nenhuma dessas correntes consegue captar na natureza psicológica da palavra aquele elemento fundamental e central que faz da palavra palavra e sem o qual a palavra deixa de ser o que é: a generalização nela contida como modo absolutamente original de representação da realidade na consciência. Segundo: todas essas doutrinas consideram a palavra e o significado fora do desenvolvimento. Ambos esses momentos são interiormente vinculados entre si, porque só uma noção adequada da natureza psicológica da palavra pode nos levar a entender a possibilidade do desenvolvimento da palavra e do seu significado. Ambos os momentos se mantêm em todas as correntes que se alternam, na medida em que, no fundamental, elas se repetem. Por isso, a luta e a alternância de certas correntes na psicologia moderna no campo da teoria do pensamento e da linguagem lembram um poema humorístico de Heine sobre o reino de um velho e honroso Chavão, que era fiel a si mesmo e, certa vez, foi mortalmente atingido pelo punhal dos que se revoltavam contra ele:

Quando em triunfo os herdeiros
dividiram o reino e o trono,
sobre o novo Chavão se ouviu –
parece o velho Chavão

A descoberta da inconstância e da mutabilidade dos significados das palavras e do seu desenvolvimento é a descoberta principal e única capaz de tirar do impasse a teoria do pensa-

mento e da linguagem. O significado da palavra é inconstante. Modifica-se no processo do desenvolvimento da criança. Modifica-se também sob diferentes modos de funcionamento do pensamento. É antes uma formação dinâmica que estática. O estabelecimento da mutabilidade dos significados só se tornou possível quando foi definida corretamente a natureza do próprio significado. Esta se revela antes de tudo na generalização, que está contida como momento central, fundamental, em qualquer palavra, tendo em vista que qualquer palavra já é uma generalização. Contudo, uma vez que o significado da palavra pode modificar-se em sua natureza interior, modifica-se também a relação do pensamento com a palavra. Para entender a mutabilidade e a dinâmica das relações entre o pensamento e a palavra, é indispensável que, no esquema genético de mudança dos significados que desenvolvemos na nossa investigação basilar, se introduza uma espécie de corte transversal. É necessário elucidar o papel funcional do significado da palavra no ato de pensamento. Ao longo de todo o nosso trabalho, ainda não tivemos uma única oportunidade de nos determos em todo o processo do pensamento verbal. Entretanto, já reunimos todos os dados necessários para concebermos como esse processo se realiza nas linhas mais gerais. Procuremos imaginar, no seu aspecto integral, a complexa estrutura de qualquer processo real de pensamento e o seu fluxo complexo do momento mais vago de germinação do pensamento até a sua conclusão final na formulação verbal. Para tanto, devemos passar do plano genético para o plano funcional e esboçar não o processo de desenvolvimento dos significados e a mudança da sua estrutura mas o processo de funcionamento dos significados no curso vivo do pensamento verbal. Se o fizermos, conseguiremos mostrar que, em cada fase do desenvolvimento, existe não só a sua estrutura peculiar de significado verbal mas também a sua relação específica entre pensamento e linguagem, determinada por essa estrutura. Como se sabe, porém, as questões funcionais se resolvem mais facilmente quando o estudo opera com for-

mas superiores desenvolvidas de algum tipo de atividade, em que toda a grandiosa complexidade da estrutura funcional é representada em forma desmembrada e madura. Por essa razão, deixaremos por algum tempo de lado os problemas do desenvolvimento e examinaremos o estudo das relações do pensamento e da palavra na consciência desenvolvida.

Mal começamos a pôr este propósito em prática, logo se revela diante de nós o quadro grandioso, sumamente complexo e delicado que, pela sutileza da sua arquitetônica, supera tudo o que a respeito poderiam imaginar os esquemas das imaginações mais ricas dos pesquisadores. Confirmam-se as palavras de Tolstói, segundo quem “a relação da palavra com o pensamento e a formação de novos conceitos é esse processo complexo, misterioso e delicado da alma”.

Antes de passar à descrição esquemática desse processo e antecipando o resultado da futura exposição, digamos a respeito da idéia básica e diretriz que toda a investigação subsequente deve desenvolver e elucidar o seguinte: a relação entre o pensamento e a palavra é, antes de tudo, não uma coisa mas um processo, é um movimento do pensamento à palavra e da palavra ao pensamento. À luz da análise psicológica, essa relação é vista como um processo em desenvolvimento, que passa por uma série de fases e estágios, sofrendo todas as mudanças que, por todos os seus traços essenciais, podem ser suscitadas pelo desenvolvimento no verdadeiro sentido desta palavra. Naturalmente não se trata de um desenvolvimento etário e sim funcional, mas o movimento do próprio processo de pensamento da idéia à palavra é um desenvolvimento. O pensamento não se exprime na palavra mas nela se realiza. Por isto, seria possível falar de formação (unidade do ser e do não-ser) do pensamento na palavra. Todo pensamento procura unificar alguma coisa, estabelecer uma relação entre coisas. Todo pensamento tem um movimento, um fluxo, um desdobramento, em suma, o pensamento cumpre alguma função, executa algum trabalho, resolve alguma tarefa. Esse fluxo de pensamento se realiza como movi-

mento interno, através de uma série de planos, como uma transição do pensamento para a palavra e da palavra para o pensamento. Por essa razão, a tarefa primordial da análise que deseje estudar a relação do pensamento com a palavra como movimento do pensamento em direção à palavra é o estudo daquelas fases de que se constitui esse movimento, a discriminação dos vários planos por que passa o pensamento, que se materializa na palavra. Aqui se revela ao pesquisador muito daquilo com que "nem os sábios sonharam".

Em primeiro lugar, a nossa análise nos leva a distinguir dois planos na própria linguagem. Mostra que o aspecto semântico interior da linguagem e o aspecto físico e sonoro exterior, ainda que constituam uma unidade autêntica, têm cada um as suas leis de desenvolvimento. A unidade da linguagem é uma unidade complexa e não homogênea. Antes de mais nada, a existência do seu movimento nos aspectos semântico e físico da linguagem revela-se a partir de toda uma série de fatos relativos ao campo do desenvolvimento da linguagem da criança. Apon-temos apenas os dois fatos mais importantes.

Sabe-se que o aspecto externo da linguagem se desenvolve na criança a partir de uma palavra no sentido da concatenação de duas ou três palavras, depois no sentido de uma frase simples e da concatenação de frases para redundar, mais tarde, em proposições complexas e numa linguagem coordenada e formada pela série desenvolvida de orações. Desse modo, ao assimilar o aspecto fásico da linguagem a criança caminha das partes para o todo. Sabe-se igualmente que, por seu significado, a primeira palavra da criança é uma frase inteira: uma oração lacônica. No desenvolvimento do aspecto semântico da linguagem, a criança começa pelo todo, por uma oração, e só mais tarde passa a apreender as unidades particulares e semânticas, os significados de determinadas palavras, desmembrando em uma série de significados verbais interligados o seu pensamento lacônico e expresso em uma oração lacônica. Desse modo, abrangendo-se os momentos inicial e final no desenvolvimento

dos aspectos semântico e fásico da linguagem, podemos nos convencer facilmente de que esse desenvolvimento transcorre em sentidos opostos. O aspecto semântico transcorre em seu desenvolvimento do todo para a parte, da oração para a palavra, ao passo que o aspecto externo transcorre da parte para o todo, da palavra para a oração.

Em si mesmo esse fato ainda é insuficiente para nos convencer da necessidade de distinguir os movimentos dos planos semântico e sonoro da linguagem. Em ambos os planos os movimentos não coincidem, fundem-se em uma linha mas podem transcorrer por linhas de sentido diametralmente oposto, como nos mostra o caso que examinamos. Ao contrário, a distinção de ambos os planos é o passo primeiro e indispensável para o estabelecimento de uma unidade inferior dos dois planos da linguagem. A unidade dos dois pressupõe a existência do seu movimento em cada uma das partes da linguagem e a existência de relações complexas entre os movimentos de ambas. Entretanto, só é possível estudar as relações em que se funda a unidade da linguagem depois que a análise nos permite distinguir aqueles aspectos entre os quais é unicamente possível a existência dessas relações complexas. Se os dois aspectos da linguagem representassem a mesma coisa, coincidissem entre si e se fundissem em uma linha, seria impossível falar de quaisquer relações na estrutura interior da linguagem, pois são impossíveis quaisquer relações do objeto consigo mesmo. No nosso exemplo, essa unidade interior de ambos os aspectos da linguagem, que apresentam sentido oposto no processo do desenvolvimento da criança, manifesta-se com tanta clareza quanto a discrepância entre eles. O pensamento da criança surge inicialmente como um todo confuso e inteiro, e precisamente por isso deve encontrar na linguagem a sua expressão em uma palavra isolada. É como se a criança escolhesse para o seu pensamento uma veste de linguagem sob medida. O pensamento da criança se desmembra e passa a construir a partir de unidades particulares na medida em que ela caminha das partes para

o todo desmembrado em sua linguagem. Ocorre também o contrário: na medida em que, em sua linguagem, a criança passa das unidades para o todo decomposto na oração, no pensamento ela pode passar do todo não decomposto para as partes. Deste modo, desde o início o pensamento e a palavra não se estruturam, absolutamente, pelo mesmo modelo. Em certo sentido, pode-se dizer que entre eles existe antes uma contradição que uma concordância. Por sua estrutura, a linguagem não é um simples reflexo especular da estrutura do pensamento, razão por que não pode esperar que o pensamento seja uma veste pronta. A linguagem não serve como expressão de um pensamento pronto. Ao transformar-se em linguagem, o pensamento se reestrutura e se modifica. O pensamento não se expressa mas se realiza na palavra. Por isto, os processos de desenvolvimento dos aspectos semântico e sonoro da linguagem, de sentidos opostos, constituem a autêntica unidade justamente por força do seu sentido oposto.

Outro fato, igualmente capital, vincula-se a um período mais tardio do desenvolvimento. Piaget estabeleceu que a criança domina antes uma estrutura complexa de oração subordinada com as conjunções “porque”, “apesar de”, “uma vez que”, “embora” que as estruturas semânticas correspondentes a essas formas sintáticas. No desenvolvimento da criança a gramática está adiante da sua lógica. A criança que emprega de modo correto e adequado as conjunções que explicam relações de causa e efeito, temporais, adversativas, condicionais e outras, em situações equivalentes em sua linguagem espontânea, vividas ao longo de toda a idade escolar, ainda não demonstra ter consciência do aspecto semântico dessas conjunções e não consegue empregá-las de forma arbitrária. Isto significa que os movimentos dos aspectos semântico e fásico da palavra não coincidem em termos de desenvolvimento no processo de assimilação das estruturas sintáticas complexas. A análise da palavra poderia mostrar que essa discrepância entre a gramática e a lógica no desenvolvimento da linguagem infantil, como no

caso anterior, não só não exclui a sua unidade como, ao contrário, é a única a viabilizar essa unidade interna do significado e da palavra, que traduz relações lógicas complexas.

De modo menos direto, porém mais relevante, manifesta-se a discrepância entre os aspectos semântico e fásico no funcionamento do pensamento desenvolvido. Para descobri-lo, devemos transferir o seu exame do plano genético para o plano funcional. Antes, porém, devemos observar que os fatos por nós ressaltados na gênese da linguagem já permitem algumas conclusões essenciais também em termos funcionais. Se, como observamos, o desenvolvimento dos aspectos semântico e sonoro da linguagem transcorre em sentidos opostos ao longo de todo o desenvolvimento da tenra idade, é perfeitamente claro que nunca possa haver plena coincidência entre eles em cada momento dado, seja qual for o ponto em que examinemos a correlação desses dois planos da linguagem. Contudo, são bem mais ilustrativos os fatos que decorrem diretamente da análise funcional da linguagem: eles são bem conhecidos da atual lingüística de orientação psicológica. De todos os fatos aqui discutidos relacionados ao tema, deve ser colocada em primeiro lugar a discrepância entre o sujeito gramatical e psicológico e o predicado. Diz Vossler:

É pouco provável que exista uma via mais incorreta para interpretar o sentido espiritual de algum fenômeno lingüístico que a via da interpretação gramatical. Por esta via surgem inevitavelmente erros de interpretação, determinados pela discrepância entre a articulação psicológica e a articulação gramatical do discurso. No prólogo de sua peça *O duque Ernst von Schwaben*, Uhland diz: “Uma cena grave irá descortinar-se diante de vós.” Do ponto de vista da estrutura gramatical, “uma cena grave” é o sujeito, e “irá descortinar-se” é o predicado. Mas, do ponto de vista da estrutura psicológica da frase, daquilo que quis dizer o poeta, “irá descortinar-se” é o sujeito e “uma cena grave” o predicado. O poeta quis dizer isto com as palavras: o que vai acontecer diante de vós é uma tragédia. A primeira coisa que o espec-

tador teve em mente foi que diante dele se passaria uma cena. É isto que diz a frase, isto é, o sujeito psicológico. A novidade acrescentada a este sujeito é a noção da tragédia, que é o verdadeiro predicado psicológico.

Uma discrepância ainda mais nítida do sujeito gramatical e psicológico com o predicado pode ser demonstrada no seguinte exemplo. Tomemos a frase “o relógio caiu”, na qual “relógio” é o sujeito e “caiu” é o predicado, e imaginemos que essa frase seja pronunciada duas vezes em situações diferentes e, conseqüentemente, exprima em uma mesma forma dois sentidos diferentes. Noto que o relógio está parado, pergunto como aconteceu, e ouço a resposta: “O relógio caiu.” Neste caso, antes eu tinha na consciência uma representação do relógio, o relógio aqui é o sujeito psicológico, aquilo de que se fala. A segunda representação que me surgiu foi a de que ele caiu. “Caiu” é, nesse caso, o predicado psicológico, aquilo que se diz do sujeito. Neste caso, as articulações gramatical e psicológica da frase coincidem mas podem não coincidir.

Trabalhando em minha escrivania ouço o ruído do objeto que caiu e pergunto o que caiu. A resposta vem pela mesma frase: o relógio caiu. Neste caso, antes não havia na consciência a representação do que caíra. “Caiu” é aquilo de que se fala nesta frase, isto é, o sujeito psicológico. Aquilo que se diz deste sujeito, deste segundo, surge na consciência, é uma representação: é o relógio, que, neste caso, é o predicado psicológico. Em essência, esta idéia poderia ser expressa assim: o que caiu foi o relógio. Neste caso, tanto o predicado psicológico quanto o gramatical estariam coincidindo, ao passo que não coincidem no exemplo anterior. A análise demonstra que, numa frase complexa, qualquer termo integrante da oração pode tornar-se predicado psicológico. Neste caso, ele assume o acento lógico cuja função semântica é precisamente destacar o predicado psicológico. Diz Herman Paul:

A categoria gramatical é, até certo ponto, uma petrificação da psicológica e por isto precisa ser vivificada com ajuda do acento lógico, que revela a sua estrutura semântica.

Herman Paul mostrou como a mesma estrutura gramatical pode esconder a opinião mais sincera. Talvez a correspondência entre a estrutura gramatical e a estrutura psicológica da linguagem não seja tão freqüente quanto supomos. É mais provável que nós apenas a postulamos e que raramente ou nunca se realize na prática. Em toda parte – na fonética, na morfologia, no léxico e na semântica, até mesmo no ritmo, na métrica e na música – as categorias gramaticais ou formais escondem categorias psicológicas. Se em um caso parecem encobrir uma a outra, em outros tornam a separar-se. Pode-se falar não só sobre os elementos psicológicos da forma e os significados, sobre os sujeitos e os predicados psicológicos, e com a mesma legitimidade falar do número psicológico, do gênero, do caso, do pronome, do termo integrante, do superlativo, do tempo futuro, etc. Ao lado dos conceitos gramaticais e formais de sujeito, predicado, gênero, teve-se de admitir a existência dos seus duplos psicológicos ou protótipos. O que pode ser um erro do ponto de vista da língua pode ter valor artístico se vem de uma natureza original. O seguinte terceto de Púchkin tem um significado mais profundo do que se costuma imaginar:

Como a boca dos rosados sem sorriso,
sem erro de gramática
não gosto da fala russa

A completa eliminação das discrepâncias a favor da expressão geral indiscutivelmente correta só se atinge além da língua e de suas habilidades na matemática. Descartes parece ter sido o primeiro a ver na matemática um pensamento derivado da língua mas que a supera. Pode-se dizer apenas uma coisa: a nossa costumeira linguagem coloquial, em razão das suas próprias va-

cilações e discrepâncias de natureza gramatical e psicológica, vive em uma situação de equilíbrio móvel entre os ideais da harmonia matemática e fantástica e um movimento contínuo que chamamos de evolução.

Se arrolamos todos esses exemplos para demonstrar a discrepância entre os aspectos fásico e semântico da linguagem, eles mostram ainda que essa discrepância da palavra não só não exclui a unidade e ambos os aspectos como, ao contrário, a pressupõe necessariamente. Porque essa discrepância, além de não impedir a concretização do pensamento na palavra, ainda é condição necessária para que o movimento entre o pensamento e a palavra possa desenvolver-se. Expliquemos com dois exemplos como as mudanças da estrutura formal e gramatical acarretam uma mudança profundíssima de todo o sentido da linguagem, para podermos elucidar essa dependência interna entre os seus dois planos. Ao traduzir a fábula *A cigarra e a formiga*, Krilov* substituiu a cigarra de La Fontaine por libélula, dando-lhe o epíteto de *saltadeira*, que não se aplicaria à cigarra. Cigarra em francês é do gênero feminino e perfeitamente adequada para encarnar em sua imagem a frivolidade e a despreocupação femininas. Mas em russo essa nuance semântica da representação da frivolidade desaparece inevitavelmente, e por isso em Krilov o gênero gramatical predominou sobre o significado real: a cigarra se tornou libélula, conservando, ainda assim, todos os traços da cigarra (saltava, cantava), embora a libélula não pule nem cante. À transmissão adequada de toda a plenitude do sentido exigiu a manutenção obrigatória também da categoria gramatical de gênero feminino para a heroína da fábula. O oposto aconteceu com a tradução do poema de Heine *O pinheiro e a palmeira*. No alemão, pinheiro é masculino. Graças a isto toda a história ganha um sentido simbólico de amor pela mulher. Para

.....
* Krilov, Ivan Andréievitch (1769-1844). Escritor russo muito versátil, mais conhecido por suas fábulas e suas traduções – adaptações de La Fontaine, foi também prosador dotado de um corrosivo estilo satírico. (N. do T.)

conservar essa nuance semântica do texto alemão, Tiúttchev substituiu pinheiro por cedro: o cedro aparece sozinho. Ao traduzir esse mesmo poema com exatidão, Liérmontov o privou dessa nuance semântica e lhe deu um sentido essencialmente diferente: mais abstrato e genérico. Assim, a mudança de um detalhe que pareceria gramatical acarreta, nas respectivas condições, a mudança de todo o aspecto semântico do discurso. Um resumo do conhecimento que nos deu a análise dos dois planos da linguagem permitiria afirmar que a discrepância entre esses dois planos, a existência de um segundo plano interior da linguagem que está por trás das palavras, a autonomia da gramática do pensamento e da sintaxe dos significados verbais nos levam a perceber, no mais simples enunciado discursivo, não uma relação imóvel e constante, dada de uma vez por todas entre os aspectos semântico e sonoro da linguagem, mas um movimento, uma transição da sintaxe dos significados para a sintaxe da palavra, a transformação da gramática do pensamento em gramática das palavras, a modificação da estrutura semântica com a sua materialização em palavras.

Se, porém, os aspectos fásico e semântico da linguagem não coincidem, evidentemente o enunciado discursivo não pode surgir imediatamente em toda a sua plenitude, uma vez que as sintaxes da semântica e da palavra não surgem em simultaneidade e em conjunto mas pressupõem uma transição e um movimento de uma para a outra. Mas esse processo complexo de transição dos significados para os sons se desenvolve, gerando uma das linhas básicas no aperfeiçoamento do pensamento discursivo. Essa decomposição da linguagem em semântica e fonologia não é dada imediatamente e desde o início mas surge apenas no processo de desenvolvimento: a criança deve diferenciar ambos os aspectos da linguagem, tomar consciência da sua diferença e da natureza de cada um deles para tornar possível aquele descenso pelos estágios que se pressupõe naturalmente no processo vivo da palavra conscientizada. A princípio encontramos na criança a não-consciência das formas e dos

significados das palavras, bem como a não-diferenciação de uns e de outros. A criança percebe a palavra em sua estrutura sonora como parte do objeto ou como uma propriedade sua inseparável de outras propriedades. Tudo indica tratar-se de um fenômeno inerente a toda a consciência lingüística primitiva.

Humboldt cita a seguinte anedota: ouvindo estudantes de astronomia conversando sobre estrelas, pessoas simples lhes perguntaram: “A gente entende que, com o auxílio de toda sorte de instrumentos, os homens conseguiram medir a distância entre a Terra e os astros mais distantes e descobrir a sua distribuição e o seu movimento. Mas a gente gostaria de saber como descobriram os nomes das estrelas.” Quem perguntou supunha que só dos próprios astros seria possível saber os seus nomes. Experiências simples com crianças mostram que, antes da idade escolar, a criança explica os nomes dos objetos pelas suas propriedades: “vaca” se chama “vaca” porque tem chifres, “bezerro” se chama “bezerro” porque tem os chifres ainda pequenos, “cavalo” se chama “cavalo” porque não tem chifres, “cachorro” se chama “cachorro” porque não tem chifres e é pequeno, “automóvel” se chama “automóvel” porque não é animal.

Quando se pergunta se é possível substituir o nome de um objeto por outro, por exemplo, chamar uma vaca de tinta e tinta de vaca, as crianças respondem que isso é totalmente impossível, porque com tinta se escreve e a vaca dá leite. A transferência do nome como que significa a transferência das propriedades de um objeto para outro, tão estreita e indissolúvelmente ligadas entre si estão as propriedades do objeto e o seu nome. O grau de dificuldade que experimenta a criança para transferir o nome de um objeto a outro pode ser visto pelas experiências em que, por instrução, dão-se convencionalmente aos objetos nomes não-verdadeiros. Na experiência são substituídos os nomes de “vaca” por “cão” e “janela” por “tinta”.

– Se o cachorro tem chifres, ele dá leite? – pergunta-se a uma criança.

– Dá.

– A vaca tem chifres?

– Tem.

– A vaca é um cachorro, por acaso o cachorro tem chifres?

– É claro, se o cachorro é vaca, se se chama vaca, então deve ter chifres. Já que se chama vaca, então também deve ter chifres. O cachorro que se chamar vaca deve ter uns chifrinhos sem dúvida.

Esse exemplo mostra o quanto à criança é difícil separar o nome das propriedades do objeto e como, nas transferências, as propriedades vêm logo depois do nome como um bem depois do dono. Obtemos os mesmos resultados nas perguntas relativas às propriedades da tinta e da janela na transferência dos seus nomes. No começo as respostas corretas aparecem com grande dificuldade, mas quando se pergunta se a tinta é transparente a resposta é uma só: não. “Mas tinta é janela, janela é tinta.” “Então a tinta é tinta e mesmo assim não é transparente.”

Com esse exemplo, quisemos apenas ilustrar a tese segundo a qual os aspectos sonoro e semântico da palavra ainda são, para a criança, uma unidade imediata, não diferenciada nem conscientizada. Uma das linhas básicas do desenvolvimento verbal da criança consiste precisamente em que essa unidade começa a diferenciar-se e a ser conscientizada. Deste modo, no início do desenvolvimento ocorrem a fusão de ambos os planos da linguagem e a sua divisão gradual, de sorte que a distância entre eles cresce com a idade, e a cada estágio no desenvolvimento e na tomada de consciência dos significados das palavras correspondem a sua relação específica entre os aspectos semântico e fásico da linguagem e a sua via específica de transição do significado para o som. A insuficiente delimitação de ambos os planos da linguagem está vinculada às limitações da possibilidade da expressão do pensamento e da sua compreensão em tenra idade. Se levarmos em conta o que foi dito no início da nossa pesquisa sobre a função comunicativa dos significados, ficará claro que a comunicação da criança através da linguagem está diretamente vinculada à diferenciação dos significa-

dos das palavras em sua linguagem e à tomada de consciência desses casos.

Para elucidar essa idéia, devemos examinar uma peculiaridade essencial na construção do significado das palavras, que já mencionamos quando analisamos os resultados dos nossos experimentos. Ali distinguimos na estrutura semântica da palavra a sua referencialidade concreta e o seu significado, e procuramos mostrar que os dois não coincidem. No aspecto funcional, isto nos levou a distinguir as funções indicativa e nominativa da palavra, por um lado, e a sua função significativa, por outro. Se compararmos essas relações estruturais e funcionais no início, no meio e no final do desenvolvimento, conseguiremos nos convencer da existência da seguinte lei genética: ao iniciar-se o desenvolvimento, na estrutura da palavra existe a sua referencialidade concreta exclusiva e, dentre as funções, existem apenas as funções indicativa e nominativa. O significado, independente da referencialidade concreta, e a significação, independente da indicação e da nomeação do objeto, surgem posteriormente e se desenvolvem por aquelas vias que procuramos observar e esboçar neste trabalho.

Mas aqui se verifica que, desde o início, essas peculiaridades estruturais e funcionais da palavra sofrem um desvio para os lados opostos na criança em comparação com o adulto. Por um lado, a referencialidade concreta da palavra se manifesta de modo bem mais nítido e intenso na criança que no adulto: para a criança, a palavra é parte do objeto, uma de suas propriedades, está mais estreita e indissolúvelmente ligada ao objeto que a palavra do adulto. É isto que assegura um peso específico bem maior da referencialidade concreta na palavra da criança. Por outro lado, é precisamente por estar a palavra vinculada ao objeto na criança mais estreitamente que em nós que ela representa uma espécie de parte do objeto, mas que no adulto pode facilmente separar-se do objeto, substituí-lo nos pensamentos e levar uma vida autônoma. Assim, a insuficiente diferenciação da referencialidade concreta e do significado da pala-

vra redundante em que a palavra da criança está ao mesmo tempo mais próxima da realidade e mais distante dela que a palavra do adulto. Inicialmente, a criança não diferencia o significado verbal e o objeto, o significado e a forma sonora da palavra. No processo de desenvolvimento, essa diferenciação ocorre na medida em que se desenvolve a generalização, e no final do desenvolvimento, quando já encontramos conceitos verdadeiros, surgem aquelas relações complexas entre os planos decompostos da linguagem a que já nos referimos.

Essa diferenciação dos dois planos da palavra, que cresce com o passar dos anos, é acompanhada ainda do desenvolvimento da via que o pensamento percorre no curso da transformação da sintaxe dos significados em sintaxe das palavras. O pensamento imprime a marca do acento lógico em uma das palavras de uma frase, destacando o predicado psicológico sem o qual qualquer frase se torna incompreensível. O ato de falar requer a transição do plano interior para o plano exterior, enquanto a compreensão pressupõe o movimento inverso do plano externo da linguagem para o plano interno.

Entretanto, devemos dar mais um passo pela via que traçamos e penetrar ainda mais fundo na estrutura interna da linguagem. Seu plano semântico não é apenas um plano inicial e idêntico dentre todos os planos internos. Por trás dele e diante do pesquisador descortina-se o plano da linguagem interior*. Em uma correta compreensão da natureza psicológica da linguagem interior, não há nem pode haver nenhuma possibilidade de elucidar a relação do pensamento com a palavra em toda a sua

.....

* Vamos manter o termo "linguagem interior" por uma questão de coerência, uma vez que, neste livro, ele está inicialmente ligado à categoria de linguagem egocêntrica desenvolvida por Piaget e discutida por Vigotski. Entretanto, a reflexão de Vigotski, especialmente a partir desta página, não só distingue o conceito das suas interpretações e aplicações anteriores como lhe dá um novo sentido e uma nova dimensão teórica e prática, que justifica tranquilamente a sua substituição por *discurso interior*, termo, a meu ver, bem mais amplo e mais específico que linguagem interior. (N. do T.)

complexidade real. Mas esse problema chega a ser quase o mais confuso entre todos os problemas relativos ao estudo do pensamento e da linguagem. Por isto, merece um estudo absolutamente específico, mas não podemos deixar de apresentar alguns dados fundamentais desse estudo especial da linguagem interior, uma vez que sem eles não poderíamos conceber a relação entre pensamento e palavra.

A confusão começa pela imprecisão terminológica. O termo *linguagem interior* ou *endofasia* vem sendo aplicado na literatura aos mais diversos fenômenos. Daí surge toda uma série de mal-entendidos, uma vez que os estudiosos discutem freqüentemente sobre diferentes objetos mas os nomeiam com mesmo termo. É impossível enquadrar em algum sistema os nossos conhecimentos sobre a natureza da linguagem interior se antes não tentarmos introduzir clareza terminológica nesta questão. Uma vez que até hoje ninguém realizou esse trabalho, não surpreende que nenhum autor tenha feito uma única exposição com um mínimo de sistematicidade nem sequer de simples dados factuais sobre a natureza da linguagem interior. Pelo visto, o significado inicial desse termo era a concepção de linguagem interior como memória verbal. Eu posso declamar de memória um poema decorado mas só posso reproduzi-lo na memória. A palavra pode ser ainda substituída pela representação sobre ela ou por uma imagem de memória, como acontece com qualquer outro objeto. Neste caso, a linguagem interior se distingue da exterior exatamente como a representação de um objeto difere do objeto real. É precisamente neste sentido que entendiam a linguagem interior os autores franceses, quando estudavam em que imagens da memória – acústicas, ópticas, motoras ou sintéticas – se realiza a memorização das palavras. A memória verbal é um dos momentos determinantes da natureza da linguagem interior. Mas é evidente que ela, em si mesma, além de não esgotar o conceito, ainda não coincide diretamente com ele. Nos autores antigos encontramos sempre o sinal de igualdade entre reprodução das palavras de memória e linguagem

interior. Em realidade, trata-se de dois diferentes processos que devem ser distinguidos.

O segundo significado de linguagem interior costuma vincular-se à redução do ato habitual de fala. Neste caso, chama-se linguagem interior a linguagem não pronunciada, sem som, muda, isto é, linguagem menos o som, segundo célebre definição de Müller. Para Watson, ela é a mesma linguagem exterior, apenas não levada até o fim. Békhteriev a definiu como reflexo verbal não revelado em sua parte motora. Siétchenov, como reflexo interrompido em dois terços do seu caminho. E essa concepção de linguagem interior pode ser inserida como um dos momentos subordinados no conceito científico de linguagem interior mas, como a primeira, não só não esgota esse conceito como não coincide absolutamente com ele. O ato de pronunciar alguma palavra sem som ainda não significa processo de linguagem interior. Ultimamente Schilling propôs delimitar terminologicamente linguagem interior e fala interior, distinguindo por fala o conteúdo que os autores que acabamos de citar aplicavam ao conceito de linguagem interior. Esse conceito difere quantitativamente de linguagem interior por só ter em vista processos ativos e não processos passivos de linguagem, diferindo qualitativamente por ter em vista uma atividade inicialmente motora da função da fala. Desse ponto de vista, a fala interior é uma função particular da linguagem interior, um ato motriz de fala de caráter inicial, cujos impulsos não encontram expressão nos movimentos articulatórios ou se manifestam em movimentos vagamente expressos e surdos mas que acompanham, reforçam e inibem a função de pensar.

A terceira e última concepção de linguagem interior – e também mais vaga – amplia extremamente o tema. Deixando de lado a sua história, o nosso exame desta última concepção ficará limitado ao estado atual que encontramos nos trabalhos de muitos autores.

Goldstein chama de *linguagem interior* tudo o que precede ao ato motor de falar, a todo o aspecto interior da linguagem

em que ele distingue dois momentos: primeiro, a forma interior de discurso do lingüista ou os motivos do discurso de Wundt; segundo, a presença de uma vivência extremamente indefinível, não sensorial ou motora mas especificamente discursiva, que é tão conhecida de cada um quanto impossível de ser caracterizada com precisão. Fundindo no conceito de linguagem interior todo o aspecto interior de qualquer linguagem, mesclando em um todo a linguagem interior de autores franceses e a palavra-conceito dos alemães, Goldstein coloca esse aspecto no centro de toda a linguagem. Aqui é correto o aspecto negativo da definição, precisamente a sugestão de que os processos sensoriais e motores têm na linguagem interior uma importância submissa, mas é muito confuso e por isso incorreto o aspecto positivo. É impossível não contestar a identificação do ponto central de toda a linguagem com uma vivência que se apreende por via intuitiva, não se presta a nenhuma análise funcional, estrutural ou nenhuma análise objetiva, assim como é impossível não contestar a identificação dessa vivência com a linguagem interior, na qual planos estruturais particulares, que podem ser bem distinguidos através da análise psicológica, se diluem sem deixar vestígio. Esse vivenciamento central do discurso é comum a qualquer modalidade de linguagem e, por esta simples razão, já não se presta, de maneira alguma, à discriminação daquela função discursiva específica e original, que é a única a merecer o nome de linguagem interior. Em essência, se formos coerentes e levarmos o ponto de vista de Goldstein às últimas conseqüências, teremos de reconhecer que a sua linguagem interior não é nenhuma linguagem mas uma atividade pensante e afetivo-volitiva, uma vez que incorpora motivos de discurso e pensamento expresso em palavra. No melhor dos casos, esse ponto de vista abrange, em forma não desarticulada, todos os processos interiores que se desenvolvem até o momento da fala, isto é, todo o aspecto interior da linguagem exterior.

Uma concepção correta da linguagem interior deve partir da tese segundo a qual a linguagem interior é uma formação

particular por sua natureza psicológica, uma modalidade específica de linguagem dotada de particularidades absolutamente específicas e situada em uma relação complexa com as outras modalidades de linguagem. Para estudar essas relações da linguagem interior com o pensamento, por um lado, e com a palavra, por outro, é necessário, antes de tudo, descobrir as diferenças específicas que distinguem a linguagem interior tanto do pensamento quanto da palavra e elucidar a sua função absolutamente específica. A linguagem interior é uma linguagem para si. A linguagem exterior é uma linguagem para os outros. Não se pode admitir nem por antecipação que essa diferença radical e fundamental de funções dessa ou daquela linguagem possa não ter conseqüências para a natureza estrutural de ambas as funções discursivas. Por isso achamos incorreto considerar, como o fazem Jackson e Head, a linguagem interior como uma linguagem que se distingue da exterior pelo grau e não pela natureza. Aqui não se trata de vocalização. A própria existência ou inexistência de vocalização não é causa que nos explique a natureza da linguagem interior mas conseqüência dessa natureza. Em certo sentido, pode-se dizer que a linguagem interior não é só aquilo que antecede a linguagem exterior ou a reproduz na memória mas é oposta à linguagem exterior. Este é um processo de transformação do pensamento em palavra, é a sua materialização e sua objetivação. Aqui temos o outro processo de sentido oposto, que caminha de fora para dentro, um processo de evaporação da linguagem no pensamento. Daí a sua estrutura com todas as diferenças que a distinguem da linguagem exterior. A linguagem interior chega a ser quase a área mais difícil de investigação da psicologia. É por isso mesmo que, na sua teoria, esbarramos em um imenso número de hipóteses absolutamente arbitrárias e construções especulativas, e não dispomos de nenhum dado fatural possível. Nesta questão só se fez experimento a título de ilustração. Os pesquisadores têm procurado captar, na articulação e na respiração, a existência de mudanças motoras concomitantes, quase imperceptíveis,

no melhor dos casos de terceiro grau pela importância, mas ao menos situadas fora do núcleo central da linguagem interior. Essa questão permaneceu quase inacessível a experimentos enquanto não se conseguiu aplicar a ela o método genético. Também aqui, o desenvolvimento foi a chave para a compreensão de uma das mais complexas funções interiores da consciência humana. Por isto, a descoberta do método adequado de investigação da linguagem interior fez, efetivamente, toda a questão sair do ponto morto. Por essa razão, abordaremos o método em primeiro lugar.

Pelo visto, foi Piaget o primeiro a perceber a função especial da linguagem egocêntrica da criança e a conseguir apreciar-lhe a importância teórica. Seu mérito foi o de não ter passado à margem desse fato, que se repete diariamente e é conhecido de cada um que já tenha visto uma criança, mas de haver tentado estudá-lo e apreendê-lo teoricamente. Mas ele permaneceu inteiramente cego ao mais importante que a linguagem egocêntrica traz implícito: a sua semelhança genética e os seus vínculos com a linguagem interior e, como consequência, produziu uma falsa interpretação da própria natureza dessa linguagem nos aspectos funcional, estrutural e genético. Em nossas investigações da linguagem interior, nós nos afastamos de Piaget e colocamos no centro precisamente as relações da linguagem egocêntrica com a linguagem interior. Achamos que isto nos deu, pela primeira vez, a possibilidade de estudar experimentalmente a natureza da linguagem interior com uma plenitude jamais alcançada.

Já expusemos todas as reflexões básicas que nos permitem concluir que a linguagem egocêntrica é uma série de estágios anteriores ao desenvolvimento da linguagem interior. Lembremos que essas reflexões são de um tríplice caráter: funcional (descobrimos que a linguagem egocêntrica desempenha funções intelectuais semelhantes à linguagem interior), estrutural (descobrimos que a linguagem egocêntrica se aproxima estruturalmente da interior) e genético (comparamos o fato da extinção

da linguagem egocêntrica no início da idade escolar, descoberto por Piaget, com uma série de fatos que nos levam a inserir nesse momento o início do desenvolvimento da linguagem interior, e daí concluímos que, em realidade, no limiar da idade escolar ocorre, não a extinção da linguagem egocêntrica, mas a sua transição e transformação em linguagem interior). Essa nova hipótese de trabalho sobre a estrutura, a função e o destino da linguagem egocêntrica nos permitiu não só reconstruir radicalmente toda a teoria da linguagem egocêntrica como ainda penetrar fundo na questão da natureza da linguagem interior. Se é confiável a nossa hipótese de que a linguagem egocêntrica é constituída de formas precoces de linguagem interior, com isto se resolve o problema do método de investigação da linguagem interior.

Neste caso, a linguagem egocêntrica é a chave para a investigação da linguagem interior. Isto porque ela é uma linguagem ainda vocalizada, sonora, isto é, uma linguagem exterior pelo modo de sua manifestação e, ao mesmo tempo, uma linguagem interior por suas funções e estrutura. Quando estudamos os processos interiores para experimentar e objetivar o processo interior observado, somos levados a criar experimentalmente o seu aspecto externo, vinculando-o a alguma atividade externa, a levá-lo para fora a fim de possibilitar a sua análise objetivo-funcional baseada nas observações do aspecto externo do processo interno. No caso da linguagem egocêntrica, operamos com uma espécie de experimento natural construído segundo esse tipo. Trata-se da linguagem interior acessível à observação direta e à experimentação, isto é, de um processo interior por natureza e exterior por manifestação. É por este motivo que o estudo da linguagem egocêntrica é, para nós, o método fundamental de estudo da linguagem interior.

A segunda vantagem desse método é permitir que se estude a linguagem egocêntrica não de modo estático mas dinâmico no processo de seu desenvolvimento, de declínio gradual de umas peculiaridades e lenta ascensão de outras. Graças a isto

surge a possibilidade de julgar as tendências do desenvolvimento da linguagem interior, de analisar não só o que é secundário e se extingue no processo de desenvolvimento mas também o que é essencial, o que se reforça e cresce nesse processo. Por último, o estudo dessas tendências genéticas da linguagem interior permite concluir, com o auxílio dos métodos de interpolação, o que é esse movimento da linguagem egocêntrica para a linguagem interior, ou melhor, qual é a natureza da linguagem interior.

Antes de expormos os resultados básicos que o método nos propiciou, examinemos brevemente a concepção original da natureza da linguagem egocêntrica para elucidar, de uma vez por todas, o fundamento teórico do nosso método, enfatizando as diferenças entre a teoria de Piaget e a nossa. Piaget argumenta que a linguagem egocêntrica da criança é uma expressão direta do egocentrismo do seu pensamento, o qual, por sua vez, é um compromisso entre o autismo primitivo do pensamento infantil e a sua socialização gradual, compromisso específico de cada fase etária, por assim dizer, um compromisso dinâmico, no qual, à medida que a criança cresce, o autismo desaparece e a socialização evolui, levando gradualmente a zero o egocentrismo no seu pensamento e na sua linguagem.

Dessa concepção da natureza da linguagem egocêntrica decorre o ponto de vista piagetiano sobre a estrutura, a função e o destino dessa modalidade de linguagem. Na linguagem egocêntrica, a criança não deve adaptar-se ao pensamento do adulto; por isso o seu pensamento continua egocêntrico ao máximo, fato que se manifesta na incompreensão da linguagem egocêntrica para o interlocutor, na sua redução e em outras peculiaridades estruturais. Neste caso, por sua função, a linguagem egocêntrica não pode ser senão um simples acompanhamento da melodia central da atividade infantil, que nada modifica nessa melodia. É mais um fenômeno concomitante que um fenômeno de importância funcional independente. Essa linguagem não desempenha nenhuma função no comportamento da criança. Por último, sendo uma expressão do egocentrismo infantil,

e estando este condenado à extinção no curso do desenvolvimento da criança, é natural que o seu destino genético seja extinguir-se concomitantemente com o egocentrismo infantil. Por isso, o desenvolvimento da linguagem egocêntrica segue uma curva descendente, cujo ponto culminante está situado no início do desenvolvimento e decresce até chegar a zero no limiar da idade escolar. Assim, pode-se afirmar sobre o egocentrismo o que List disse sobre os meninos prodígios: seu futuro está no passado. Essa linguagem não tem futuro. Não surge nem se desenvolve com a criança mas se atrofia e se extingue, sendo antes um processo involutivo por natureza que evolutivo. Se, deste modo, o desenvolvimento da linguagem egocêntrica se realiza por uma curva em contínua extinção, é natural que, em cada etapa do desenvolvimento da criança, essa linguagem derive da insuficiente socialização da linguagem infantil, inicialmente individual, sendo expressão direta do grau dessa insuficiência de socialização.

Segundo uma teoria oposta, a linguagem egocêntrica da criança é uma das manifestações da transição das funções interpsicológicas para as intrapsicológicas, isto é, das formas de atividade social coletiva da criança para as funções individuais. Essa transição é uma lei geral – como mostramos em um dos nossos estudos anteriores (40, pp. 483 ss.) – do desenvolvimento das funções psíquicas superiores, que surgem inicialmente como formas de atividade em colaboração e só depois são transferidas pela criança para o campo das suas formas psicológicas de atividade. A linguagem para si surge pela diferenciação da função inicialmente social da linguagem para outros. A estrada real do desenvolvimento da criança não é a socialização gradual introduzida de fora mas a individualização gradual que surge com base na sociabilidade interior da criança. Em função disto modificam-se também as nossas concepções sobre a estrutura, a função e o destino da linguagem egocêntrica. Achamos que sua estrutura se desenvolve paralelamente ao isolamento das suas funções e em conformidade com essas funções. Noutros

termos, ao adquirir uma nova função, a linguagem naturalmente se transforma também em sua estrutura, em consonância com as novas funções. Adiante analisaremos detalhadamente essas peculiaridades estruturais. Por ora queremos dizer apenas que essas peculiaridades não se extinguem nem se atenuam, não se reduzem a zero nem involuem, mas se intensificam e crescem, evoluem com o crescimento da criança, de sorte que o seu desenvolvimento, como aliás o desenvolvimento de toda linguagem egocêntrica, segue por linha ascendente e não descendente.

Os resultados dos nossos experimentos mostram que a função da linguagem egocêntrica é semelhante à da linguagem interior: é menos um acompanhamento, é uma melodia independente, uma função autônoma que serve aos objetivos da orientação intelectual, da tomada de consciência da superação das dificuldades e dos obstáculos, da reflexão e do pensamento, em suma, é uma linguagem para si, que da forma mais íntima serve o pensamento da criança. Por último, o destino genético da linguagem egocêntrica nos parece menos parecido àquele esboçado por Piaget. A linguagem egocêntrica não se desenvolve por uma linha de extinção mas por uma linha ascendente. Seu desenvolvimento não é uma involução mas uma verdadeira evolução. O que ele menos lembra são os processos involutivos bem conhecidos em biologia e pediatria, que se manifestam na extinção, como os processos de cicatrização da veia do umbigo ou da sua queda no recém-nascido. Essa linguagem está mais para os processos de desenvolvimento da criança, que estão voltados para o futuro e, por sua natureza, são processos de desenvolvimento construtivos, criativos e plenos de significado positivo. Nossa hipótese vê a linguagem egocêntrica como uma linguagem interior por sua função psicológica e exterior por sua estrutura. Seu destino é transformar-se em linguagem interior.

Achamos que a nossa hipótese tem diversas vantagens sobre a de Piaget: em termos teóricos, permite explicar melhor e mais adequadamente a estrutura, a função e o destino da lingua-

gem egocêntrica; combina-se melhor com os nossos fatos experimentais – inexplicáveis do ponto de vista da teoria de Piaget – sobre o crescimento do coeficiente de linguagem egocêntrica quando há dificuldades na atividade que exigem tomada de consciência e reflexão. Mas a sua vantagem principal e decisiva é oferecer uma explicação satisfatória para o estado de coisas paradoxal descrito pelo próprio Piaget e inexplicável de outro modo. De fato, a teoria de Piaget postula que a linguagem egocêntrica se extingue com o crescimento, declinando quantitativamente na medida em que a criança se desenvolve. Entretanto, deveríamos esperar que as suas peculiaridades estruturais também devessem decrescer e não crescer com a sua extinção, pois é difícil imaginar que a extinção abranja só o aspecto quantitativo do processo e não tenha nenhum reflexo em sua estrutura interior. Na passagem dos três para os sete anos, isto é, do ponto superior para o inferior no desenvolvimento da linguagem egocêntrica, o egocentrismo do pensamento infantil declina em imensas proporções. Se as peculiaridades estruturais da linguagem egocêntrica radicam precisamente no egocentrismo, é natural esperar que tais peculiaridades, cuja expressão sumária é a ininteligibilidade dessa linguagem para os outros, também venham a extinguir-se e reduzir-se gradualmente a zero como as próprias manifestações dessa linguagem. Em suma, caberia esperar que o processo de extinção da linguagem egocêntrica encontrasse sua expressão também na extinção das suas peculiaridades estruturais internas, isto é, que essa linguagem, também por sua estrutura interna, viesse a se aproximar mais da linguagem socializada e, especialmente, se tornasse mais compreensível. O que dizem os fatos a respeito? Que linguagem é mais incompreensível – a de uma criança de três ou de sete anos? Um dos resultados fatuais da nossa investigação, mais importantes e decisivos pelo seu significado, é o estabelecimento do seguinte fato: as peculiaridades estruturais da linguagem egocêntrica, que traduzem os seus desvios em relação à linguagem social e determinam a sua ininteligibilidade para os outros, não declinam mas crescem com o desenvolvimento, são mínimas aos três anos

de idade e máximas aos sete; não se extinguem mas evoluem; revelam leis inversas de desenvolvimento em comparação com o coeficiente de linguagem egocêntrica. Enquanto esta última declina sem cessar no processo de desenvolvimento, chegando a zero no limiar da idade escolar, aquelas peculiaridades estruturais passam por um desenvolvimento em sentido contrário, subindo de um patamar quase zero aos três anos de idade para atingir quase 100% de originalidade estrutural no conjunto das suas diferenças estruturais.

Esse fato não é só inexplicável do ponto de vista de Piaget, uma vez que não há como conceber de que modo os processos de extinção do egocentrismo infantil, da própria linguagem egocêntrica e de suas peculiaridades internas podem crescer tanto; ao mesmo tempo, porém, ele também nos permite elucidar o único fato que Piaget toma como pedra angular e sobre o qual constrói toda a sua teoria da linguagem egocêntrica, ou seja, o fato da extinção do coeficiente de linguagem egocêntrica com o crescimento da criança.

No fundo, o que significa esse declínio do coeficiente de linguagem egocêntrica? As peculiaridades estruturais da linguagem interior e a sua diferenciação funcional em relação à linguagem exterior aumentam com a idade. O que então declina? O declínio da linguagem egocêntrica não diz nada mais a não ser que declina exclusivamente uma única peculiaridade dessa linguagem: exatamente a sua vocalização, o seu som. Podemos concluir daí que a extinção da vocalização e do som equivale à extinção de toda linguagem egocêntrica? Isto nos parece inadmissível, porque, neste caso, fica absolutamente inexplicável o desenvolvimento de suas peculiaridades estruturais e funcionais. Ao contrário, à luz desse fator torna-se absolutamente compreensível o próprio declínio do coeficiente de linguagem egocêntrica. A contradição entre o declínio célere de um sintoma da linguagem egocêntrica (a vocalização) e o aumento igualmente célere de outros sintomas (as diferenciações estrutural e funcional) acaba sendo uma contradição aparente, ilusória.

Raciocinemos a partir de um fato indiscutível, que estabelecemos por via experimental. As peculiaridades estruturais e funcionais da linguagem egocêntrica aumentam com o desenvolvimento da criança. Aos três anos, é quase igual a zero a diferença entre essa linguagem e a linguagem comunicativa da criança. Aos sete anos verificamos uma linguagem que difere em 100% da linguagem social de uma criança de três anos, por suas peculiaridades funcionais e estruturais. Neste fato, manifestam-se a diferenciação das duas funções discursivas – que progride com a idade – e o isolamento da linguagem para si e da linguagem para os outros em face da função social não articulada, função essa que desempenha em tenra idade essas duas atribuições de modo quase inteiramente idêntico. Isto é indubitável. Isto é um fato e, como se sabe, é difícil discutir com os fatos.

Se isso é assim, todo o restante se torna compreensível por si mesmo. Se as peculiaridades estruturais e funcionais da linguagem egocêntrica – a sua estrutura interior e o modo de sua atividade – se desenvolvem cada vez mais e a isolam da linguagem exterior, na exata proporção em que aumentam essas peculiaridades específicas da linguagem egocêntrica seu aspecto externo e sonoro deve extinguir-se, sua vocalização deve diluir-se e anular-se, suas manifestações externas devem cair para zero, o que irá manifestar-se no declínio do coeficiente de linguagem egocêntrica no período dos três aos sete anos. Na medida em que se isola a função da linguagem egocêntrica, dessa linguagem para si, em iguais proporções a sua vocalização se torna funcionalmente inútil e sem sentido (sabemos a nossa frase pensada antes de pronunciá-la) e na medida em que aumentam as peculiaridades estruturais da linguagem egocêntrica a sua vocalização se torna impossível nas mesmas proporções. A linguagem para si, totalmente diferente por sua estrutura, não pode encontrar expressão na estrutura – totalmente heterogênea por natureza – da linguagem exterior; totalmente específica por sua estrutura, a modalidade de linguagem que surge nesse período deve, necessariamente, ter a sua forma específica

de expressão, uma vez que o seu aspecto fásico deixa de coincidir com o aspecto fásico da linguagem exterior. O aumento das peculiaridades funcionais da linguagem egocêntrica, seu isolamento como função discursiva independente, a constituição gradual e a formação de sua natureza interna original levam inevitavelmente a que essa linguagem se torne cada vez mais pobre em suas manifestações externas, distanciando-se cada vez mais da linguagem exterior, perdendo cada vez mais a sua vocalização. E em certo momento do desenvolvimento, quando esse isolamento da linguagem egocêntrica atinge o limite necessário, quando a linguagem para si se separa definitivamente da linguagem para os outros, ela deve necessariamente deixar de ser sonora e, conseqüentemente, criar a ilusão do seu desaparecimento e da sua total extinção. Mas isto é precisamente uma ilusão. Considerar o declínio do coeficiente de linguagem egocêntrica até zero como sintoma de sua extinção é o mesmo que considerar como extinção do cálculo o momento em que a criança deixa de usar os dedos para contar e deixa de contar em voz alta para contar de memória. No fundo, por trás desse sintoma da extinção, desse sintoma negativo e involutivo, esconde-se um conteúdo absolutamente positivo. O declínio do coeficiente de linguagem egocêntrica e a redução de sua vocalização estão estreitamente vinculados ao crescimento interior e ao isolamento dessa nova modalidade de linguagem infantil, e só aparentemente são sintomas negativos, involutivos. Em essência, são sintomas evolutivos de um desenvolvimento ascendente. Porque por trás deles não se esconde a extinção mas a germinação de uma nova forma de linguagem.

O declínio das manifestações externas da linguagem egocêntrica deve ser visto: como manifestação de uma abstração que se desenvolve a partir do aspecto sonoro da linguagem, aspecto esse que é um dos principais traços constitutivos da linguagem interior; como diferenciação progressiva da linguagem egocêntrica em relação à linguagem comunicativa; como traço da crescente capacidade da criança para pensar e imagi-

nar as palavras em vez de pronunciá-las, para operar com a imagem da palavra em vez da própria palavra. Nisto reside o sentido positivo do sintoma do declínio do coeficiente de linguagem egocêntrica. Porque esse declínio é de natureza perfeitamente definida: realiza-se em um determinado sentido, inclusive no mesmo sentido em que se realiza o desenvolvimento das generalizações funcionais e estruturais da linguagem egocêntrica, isto é, no sentido da linguagem interior. A diferença radical entre a linguagem interior e a exterior é a ausência de vocalização.

A linguagem interior é uma linguagem muda, silenciosa. Esse é o seu principal traço distintivo. Mas é precisamente no sentido do aumento gradual desse traço distintivo que se dá a evolução da linguagem egocêntrica. Sua vocalização declina até chegar a zero, ela se torna uma linguagem muda. Mas assim deve ser necessariamente se a concebemos como etapas geneticamente precoces no desenvolvimento da linguagem interior. O fato de que esse traço se desenvolve gradualmente, de que a linguagem egocêntrica se isola antes em termos funcionais e estruturais que em termos de vocalização, sugere apenas o que tomamos por base da nossa hipótese sobre o desenvolvimento da linguagem interior, isto é, sugere que a linguagem interior se desenvolve através do enfraquecimento externo de seu aspecto sonoro, passando da fala para o sussurro e do sussurro para a linguagem surda e, através do isolamento funcional e estrutural, da linguagem externa para a linguagem egocêntrica e da egocêntrica para a interior.

Assim, a contradição entre a extinção das manifestações externas da linguagem egocêntrica e o aumento das suas peculiaridades internas é uma contradição aparente. Em realidade, por trás do declínio do coeficiente de linguagem egocêntrica esconde-se o desenvolvimento positivo de uma das peculiaridades centrais da linguagem interior – a abstração do aspecto sonoro da linguagem e a diferenciação definitiva de linguagem interior e linguagem exterior. Desse modo, todos os três grupos funda-

mentais de traços – funcionais, estruturais e genéticos –, todos os fatos que conhecemos do campo do desenvolvimento da linguagem egocêntrica (inclusive os fatos de Piaget) atestam harmoniosamente uma única coisa: a linguagem egocêntrica se desenvolve no sentido da linguagem interior, e todo o curso do seu desenvolvimento não pode ser entendido senão como o curso de aumento progressivo de todas as propriedades distintivas da linguagem interior.

Nisto vemos a confirmação irrefutável da hipótese que desenvolvemos sobre a origem e a natureza da linguagem egocêntrica e a prova igualmente incontestável em favor de que o estudo da linguagem egocêntrica é o método fundamental de conhecimento da natureza da linguagem interior. Mas para que a nossa tese hipotética possa ganhar autenticidade teórica, devemos encontrar as possibilidades para um experimento crítico capaz de resolver de modo indubitável qual das duas concepções contraditórias do processo de desenvolvimento da linguagem egocêntrica corresponde à realidade. Examinemos os dados desse experimento crítico.

Lembremos a situação teórica que o nosso experimento teve de resolver. Segundo Piaget, a linguagem egocêntrica surge da insuficiente socialização da linguagem individual primária. É nossa opinião que ela surge de uma insuficiente individualização da linguagem social primária, de seu insuficiente isolamento e sua insuficiente diferenciação, da impossibilidade de destacá-la. No primeiro caso, a linguagem egocêntrica é o ponto da curva descendente, cuja culminação está para trás. A linguagem egocêntrica se extingue. Nisto consiste o seu desenvolvimento. Ela tem apenas passado. No segundo caso, a linguagem egocêntrica é o ponto da curva ascendente, cuja culminação está no futuro. Ela evolui para a linguagem interior, é nesta que existe futuro. No primeiro caso, a linguagem para si, isto é, a linguagem interior, é levada para fora com a socialização, uma vez que a água branca desloca a vermelha pelo princípio já referido. No segundo caso, a linguagem para si sur-

ge da linguagem egocêntrica, isto é, desenvolve-se de dentro para fora.

Para resolver em definitivo qual das duas opiniões é justa, é necessário elucidar experimentalmente em que sentido irão influenciar a linguagem egocêntrica da criança as mudanças de situação de dupla espécie: no sentido do enfraquecimento dos momentos sociais da situação que asseguram o surgimento da linguagem social, e no sentido da intensificação de tais momentos. Todas as provas que até agora arrolamos a favor da nossa concepção de linguagem egocêntrica e contra Piaget, por maior que seja a sua importância aos nossos olhos, têm, entretanto, importância indireta e dependem de uma interpretação geral. Esse mesmo experimento poderia dar uma resposta direta à questão de nosso interesse. É por isso que o consideramos *experimentum crucis*.

De fato, se a linguagem egocêntrica da criança deriva do egocentrismo do seu pensamento e da insuficiência de sua socialização, qualquer debilitamento dos momentos sociais na situação, qualquer garantia do isolamento da criança e de sua libertação em face do grupo coletivo, qualquer contribuição para o seu isolamento psicológico e para a perda do contato psicológico com outras pessoas, qualquer liberação da necessidade de adaptar-se aos pensamentos dos outros e, conseqüentemente, de aproveitar-se da linguagem socializada, em suma, tudo isso deve levar necessariamente a um acentuado aumento do coeficiente de linguagem egocêntrica à custa da linguagem socializada, porque tudo isso deve criar condições extremamente favoráveis à livre e plena revelação da insuficiência da socialização do pensamento e da linguagem da criança. Se, porém, a linguagem egocêntrica deriva da insuficiência de diferenciação da linguagem para si e da linguagem para os outros, da insuficiente individualização da linguagem primariamente social, do não-isolamento e da não-separação da linguagem para si em relação à linguagem para os outros, então todas essas mudanças de situação devem manifestar-se no acentuado declínio da linguagem egocêntrica.

Essa era a questão que se colocava diante do nosso experimento. Para a sua construção, tomamos como pontos de partida os momentos observados pelo próprio Piaget na linguagem egocêntrica e que, conseqüentemente, não apresentam nenhuma dúvida quanto a pertencerem de fato ao círculo de fenômenos por nós estudados.

Embora Piaget não dê a esses momentos nenhuma atenção teórica, descrevendo-os antes como traços externos da linguagem egocêntrica, ainda assim não podemos deixar de nos impressionar desde o início com três peculiaridades dessa linguagem: 1) o fato de ela representar um monólogo coletivo, isto é, não se manifestar a não ser no grupo de crianças e na presença de outras crianças igualmente ocupadas na mesma atividade e não quando a criança está sozinha; 2) o fato de esse monólogo coletivo ser acompanhado, como observou Piaget, da ilusão de compreensão; os circundantes entendem aquilo em que a criança crê e que supõe serem os seus enunciados egocêntricos dirigidos a alguém; 3) por último, o fato de que essa linguagem para si tem caráter de linguagem externa, sem lembrar a linguagem socializada, e não se pronuncia por sussurros, de forma desarticulada, para si mesma. Essas três peculiaridades essenciais não podem ser fortuitas. A linguagem egocêntrica, do ponto de vista da criança, ainda não está subjetivamente separada da social (ilusão de compreensão), é objetiva por situação (monólogo coletivo) e por forma (vocalização), não está separada nem isolada da linguagem social. Só isso já inclina o nosso pensamento num sentido diferente da teoria da insuficiência de socialização como fonte de linguagem egocêntrica. Essas peculiaridades testemunham antes a favor de uma socialização grande demais e de um insuficiente isolamento da linguagem para si em relação à linguagem para os outros. Porque elas sugerem que a linguagem egocêntrica, a linguagem para si transcorre nas condições subjetivas e objetivas próprias da linguagem para os outros.

A nossa avaliação dos três momentos não é conseqüência de uma opinião preconcebida; Grunbaum, em quem não pode-

mos deixar de nos apoiar, chega à mesma apreciação sem nenhuma experimentação, baseando-se apenas na interpretação dos dados do próprio Piaget. Ele afirma haver casos em que a observação superficial nos leva a pensar que a criança está inteiramente ensimesmada. Essa falsa impressão surge do fato de esperarmos de uma criança de três anos uma relação lógica com o ambiente. Uma vez que essa espécie de relações com a realidade não é própria da criança, admitimos facilmente que ela vive mergulhada em seus próprios pensamentos e fantasias e que não lhe é própria uma diretriz egocêntrica. Quando brincam, as crianças dos três aos cinco anos estão freqüentemente ocupadas apenas de si mesmas, falam freqüentemente apenas para si mesmas. Se de longe isto causa a impressão de conversa, num exame mais próximo verifica-se que se trata de um monólogo coletivo cujos participantes não prestam atenção uns aos outros nem respondem. Mas, no fim das contas, até esse exemplo, que pareceria claríssimo, de diretriz egocêntrica da criança é, de fato, antes uma prova do acanhamento social do psiquismo infantil. No monólogo coletivo não ocorre o isolamento intencional em relação ao grupo, ou o autismo no sentido da psicologia moderna; ocorre aquilo que, pela estrutura psíquica, é diametralmente oposto a isso. Piaget, que enfatiza muito o egocentrismo da criança e faz dele a pedra de toque de toda a sua explicação das peculiaridades psíquicas da criança, ainda assim teve de reconhecer que, no monólogo coletivo, as crianças acreditam que falam umas com as outras e que as outras as escutam. É verdade que elas se comportam como se prestassem atenção às outras, mas só porque supõem que cada um de seus pensamentos, mesmo não tendo sido expresso ou o tendo sido insuficientemente, ainda assim é um patrimônio comum. É isto que Grunbaum considera prova do insuficiente isolamento do psiquismo individual da criança em relação ao todo.

Reiteremos, porém, que a solução definitiva do problema não está nessa ou naquela interpretação mas no experimento crítico. Nesse experimento tentamos dinamizar as três peculia-

ridades da linguagem egocêntrica acima referidas (vocalização, monólogo coletivo e ilusão de compreensão) no sentido de sua intensificação e de seu enfraquecimento para obtermos a resposta sobre a natureza e a origem da linguagem egocêntrica.

Na primeira série dos nossos experimentos, tentamos destruir a ilusão de compreensão por outras pessoas que surgiu na linguagem egocêntrica da criança. Para tanto, colocamos uma criança – cujo coeficiente de linguagem egocêntrica havíamos medido anteriormente em uma situação absolutamente idêntica à das experiências de Piaget – em outra situação: ou organizamos a sua atividade em um grupo de crianças surdas-mudas, ou a colocamos em um grupo de crianças que falavam uma língua estrangeira. Em todo o restante a situação continuou a mesma pela estrutura e pelos detalhes. A grandeza variável do nosso experimento foi apenas a ilusão de compreensão, que surge naturalmente na primeira situação e é antecipadamente excluída na segunda. Como se comportou a linguagem egocêntrica quando excluída a ilusão de compreensão? As experiências mostraram que o seu coeficiente, na experiência crítica sem ilusão de compreensão, declinou vertiginosamente e chegou a zero na maioria dos casos, mas em todos os restantes sofreu uma redução média de oito vezes.

Essas experiências não deixam dúvida de que a ilusão de compreensão não é casual, não é um apêndice ou produto insignificante, um epifenômeno em relação à linguagem egocêntrica mas algo funcionalmente inseparável dela. Do ponto de vista da teoria de Piaget, os resultados por nós obtidos não podem deixar de parecer paradoxais. Quanto menos expresso é o contato psicológico da criança com as outras que a rodeiam, quanto mais fraca é a sua ligação com o grupo, quanto menos a situação exige da linguagem socializada e da adaptação das suas idéias aos pensamentos das outras, tanto mais livremente deve manifestar-se o egocentrismo no pensamento e, conseqüentemente, na linguagem da criança. A esta conclusão nós teríamos de chegar necessariamente se a linguagem egocêntrica da

criança efetivamente decorresse da socialização insuficiente do seu pensamento e da sua linguagem. Neste caso, a exclusão da ilusão de compreensão deveria aumentar o coeficiente de linguagem egocêntrica e não reduzi-lo, como de fato acontece. Do ponto de vista da hipótese que defendemos, achamos que esses dados experimentais não podem ser considerados senão como prova direta de que a insuficiência de individualização da linguagem para si e a sua inseparabilidade da linguagem para os outros são a verdadeira fonte da linguagem infantil, que não pode ter vida autônoma nem funcionar fora da linguagem social. Basta excluir a ilusão de compreensão, momento psicológico fundamental de qualquer linguagem social, para que desmorone a linguagem egocêntrica.

Na segunda série de experimentos, introduzimos o monólogo coletivo da criança como grandeza variável no processo de transição da experiência básica para a experiência crítica. Tornamos a medir inicialmente o coeficiente de linguagem egocêntrica na situação básica em que esse fenômeno se manifestou na forma de monólogo coletivo. Depois transferimos a atividade da criança para outra situação em que a possibilidade de monólogo coletivo estava excluída por uma das circunstâncias abaixo: a criança foi colocada no meio de crianças desconhecidas, com as quais ela não conversou nem antes, nem durante, nem depois da experiência; ela foi isolada das outras, colocada a uma mesa no canto da sala; trabalhou sozinha, fora do grupo; o experimentador saiu da sala no meio da experiência, deixando-a sozinha mas mantendo a possibilidade de vê-la e ouvi-la. Os resultados gerais destas experiências combinam-se perfeitamente com aqueles obtidos na primeira série de experimentos. A destruição do monólogo coletivo em uma situação que se mantém inalterada em todos os demais quesitos costuma redundar em um vertiginoso declínio do coeficiente de linguagem egocêntrica, embora, no caso dado, esse declínio tenha se manifestado em formas um pouco menos relevantes que no primeiro caso. Raramente o coeficiente chegou a zero, apresen-

tando uma proporção média de 6:1 na primeira e na segunda situações. Vários exemplos de exclusão do monólogo coletivo da situação revelaram uma nítida gradação no declínio da linguagem egocêntrica. Ainda assim, revelou-se notoriamente a tendência básica para o declínio na mesma situação. Por isso, poderíamos repetir neste caso apenas as reflexões que desenvolvemos sobre a primeira série. Tudo indica que o monólogo coletivo não é um fenômeno casual e secundário, não é um epifenômeno em relação à linguagem egocêntrica mas é funcionalmente inseparável dela. Novamente estamos diante de um paradoxo do ponto de vista da hipótese que contestamos. A exclusão do grupo deveria dar livre curso e liberdade para revelar a linguagem egocêntrica e redundar num rápido crescimento do seu coeficiente, se essa linguagem para si efetivamente decorresse da insuficiente socialização do pensamento e da linguagem infantis. Mas esses dados não são apenas paradoxais como voltam a ser uma conclusão logicamente necessária da hipótese que defendemos: se a linguagem egocêntrica se baseia em uma diferenciação insuficiente, numa insuficiente desarticulação da linguagem para si e da linguagem para os outros, cabe supor antecipadamente que a exclusão do monólogo coletivo deve acarretar necessariamente o declínio do coeficiente de linguagem egocêntrica da criança. Os fatos confirmam inteiramente essa hipótese.

Na terceira hipótese das nossas experiências, tomamos a vocalização da linguagem egocêntrica como grandeza variável na transição da experiência básica para a experiência crítica. Depois de medido o coeficiente de linguagem egocêntrica na situação básica, a criança foi transferida para outra situação em que a possibilidade de vocalização estava dificultada ou excluída. Colocamos a criança a uma determinada distância das outras, também distribuídas entre grandes intervalos em uma sala grande; por trás das paredes do laboratório em que se desenvolvia a experiência tocava uma orquestra ou se produzia um ruído que abafava inteiramente não só a voz dos outros como a própria:

por último, deu-se instrução especial à criança, proibindo-a de falar alto e sugerindo que não conversasse senão por sussurros abafados. Em todas essas experiências críticas, tornamos a observar com uma regularidade impressionante o mesmo que observáramos nos dois outros casos: um declínio vertiginoso da curva do coeficiente de linguagem egocêntrica. É verdade que, aí, o declínio do coeficiente se expressou de modo ainda mais complexo que na segunda situação (a relação do coeficiente na experiência básica e crítica foi de 5,4:1); a gradação nos vários modos de exclusão ou dificuldade de vocalização foi ainda mais vertiginosa do que na segunda série. Contudo, a lei básica que se traduz no declínio do coeficiente de linguagem egocêntrica com a exclusão da vocalização nessas experiências se delineia com uma segurança absolutamente notória. Mais uma vez não podemos considerar esses dados senão como um paradoxo do ponto de vista da hipótese do egocentrismo, como a essência da linguagem para si na criança dessa idade e, noutros termos, como confirmação direta da hipótese da linguagem interior como essência da linguagem para si nas crianças que ainda não dominam a linguagem interior no sentido próprio desta palavra.

O objetivo de todas as três séries foi um só: tomamos por base da investigação os mesmos três fenômenos que surgem em quase toda linguagem egocêntrica da criança – a ilusão de compreensão, o monólogo coletivo e a vocalização. Esses três fenômenos são comuns à linguagem egocêntrica e à social. Comparamos experimentalmente as situações em que tais fenômenos estavam presentes e ausentes e notamos que a exclusão desses momentos que aproximam a linguagem para si da linguagem para os outros redundava na extinção da linguagem egocêntrica. Isto nos autoriza a concluir que a linguagem egocêntrica da criança é uma forma específica de linguagem que já se distingue em termos funcionais e estruturais e, não obstante, por sua manifestação ainda não se destacou definitivamente da linguagem social em cujo seio esteve sempre se desenvolvendo e amadurecendo.

Para esclarecer o sentido da hipótese que desenvolvemos, vejamos um exemplo imaginável: estou sentado a uma mesa e converso com uma pessoa que está atrás de mim, naturalmente fora da minha visão pela situação em que me encontro; sem que eu perceba, meu interlocutor sai da sala; continuo a conversar, alimentando a ilusão de que estou sendo ouvido e entendido. Neste caso, minha fala lembra pela aparência a linguagem egocêntrica, uma linguagem a sós consigo mesma, uma linguagem para si. Mas em termos psicológicos e por sua natureza ela é evidentemente uma linguagem social. Comparemos a esse exemplo a linguagem egocêntrica da criança. Do ponto de vista de Piaget, a situação aqui se inverte se a comparamos ao nosso exemplo: em termos psicológicos, subjetivos, do ponto de vista da própria criança a sua linguagem é uma linguagem egocêntrica para si, uma linguagem a sós consigo mesma e só na aparência é uma linguagem social. Seu caráter social é a mesma ilusão do caráter egocêntrico da minha fala no exemplo imaginado. Segundo a hipótese que desenvolvemos, aqui a situação é bem mais complexa: psicologicamente, a linguagem da criança é uma linguagem egocêntrica em termos funcionais e estruturais, isto é, uma forma específica e autônoma de linguagem, mas isto não acontece até o fim, uma vez que ela é subjetiva quanto à sua natureza psicológica, ainda não é conscientizada como a linguagem interior e a criança ainda não a destaca da linguagem para os outros; também em termos objetivos, essa linguagem é uma função diferenciada da linguagem social, mas não o é até o fim, uma vez que pode funcionar apenas em situação que torne possível a linguagem social. Assim, nos aspectos subjetivo e objetivo essa linguagem é uma forma mista e transitória entre a linguagem para os outros e a linguagem para si – nisto reside a lei básica do desenvolvimento da linguagem interior. A linguagem para si, linguagem interior, torna-se interior mais por sua função e por sua estrutura, isto é, mais por sua natureza psicológica que pelas formas externas de sua manifestação.

Desse modo, chegamos à confirmação da nossa hipótese, segundo a qual o estudo da linguagem egocêntrica e das tendências dinâmicas nela manifestas para o crescimento de umas peculiaridades e o enfraquecimento de outras, que caracterizam a sua natureza funcional e estrutural, é a chave para o estudo da natureza psicológica da linguagem interior. Agora podemos passar a expor os resultados básicos das nossas investigações e apresentar uma breve caracterização do terceiro plano que descobrimos no movimento do pensamento à palavra: o plano da linguagem interior.

O estudo da natureza psicológica da linguagem interior, com a aplicação do método que tentamos fundamentar experimentalmente, nos convenceu de que a linguagem interior não deve ser vista como fala menos som mas como uma função discursiva absolutamente específica e original por sua estrutura e seu funcionamento, que, em razão de ser organizada em um plano inteiramente diverso do plano da linguagem exterior, mantém com esta uma indissolúvel unidade dinâmica de transições de um plano a outro. A peculiaridade primeira e fundamental da linguagem interior é a sua sintaxe absolutamente específica. Ao estudarmos a sintaxe da linguagem interior na linguagem egocêntrica da criança, notamos uma peculiaridade essencial que revela uma indiscutível tendência dinâmica para o crescimento na medida em que se desenvolve a linguagem egocêntrica. Essa peculiaridade é a aparente fragmentação e o abreviamento da linguagem interior em comparação com a exterior.

No fundo, essa observação não é nova. Todos os que estudaram a linguagem interior até mesmo do ponto de vista behaviorista, como Watson, abordaram essa peculiaridade como seu traço central e característico. Só os autores que reduzem tal linguagem à reprodução da memória da linguagem exterior em imagens vêem a linguagem interior como um reflexo especular da exterior. Mas, pelo que sabemos, ninguém foi além de um estudo descritivo e constatatório dessa peculiaridade. E mais: ninguém empreendeu sequer uma análise descritiva desse fenô-

meno fundamental da linguagem interior, de sorte que toda uma variedade de fenômenos passíveis de fragmentação interna acabou amontoadas em um novelo confuso, graças ao que, por sua manifestação externa, todos esses diferentes fenômenos se expressam na fragmentariedade da linguagem interior. Seguindo a via genética, procuramos: primeiro, desarticular o confuso novelo de fenômenos particulares característicos da natureza da linguagem interior; segundo, apresentar as suas causas e explicá-los. Com base nos fenômenos do curto-circuito, observado no processo de aquisição de habilidades, Watson supõe que o mesmo ocorre indiscutivelmente no curso da fala ou do pensamento surdos. Mesmo se tivéssemos conseguido desenvolver todos esses processos latentes e gravá-los em um disco sensível ou no cilindro de um fonógrafo, ainda assim haveria neles tantos abreviamentos, tantos curtos-circuitos e tanta economia que eles seriam irreconhecíveis caso não se observasse a sua formação do ponto inicial em que estão prontos e são sociais por natureza até o estágio final em que servem a adaptações individuais mas não sociais. Assim, a linguagem interior, mesmo gravada em um fonógrafo, seria abreviada, fragmentária, desconexa, irreconhecível e incompreensível em comparação com a linguagem exterior.

Fenômeno absolutamente análogo observa-se na linguagem egocêntrica da criança, com a única diferença de que ela cresce aos nossos olhos ao passar de uma idade a outra e, assim, na medida em que a linguagem egocêntrica se aproxima da linguagem interior no limiar da idade escolar, ela atinge o seu ponto máximo. O estudo da dinâmica do seu crescimento não deixa nenhuma dúvida de que, a continuarmos essa linha, no limite ela deverá nos levar a uma linguagem interior totalmente incompreensível, fragmentária e abreviada. Mas toda a vantagem do estudo da linguagem egocêntrica é nos permitir observar passo a passo como surgem essas peculiaridades da linguagem interior entre a primeira e a última fase. Como observou Piaget, a linguagem egocêntrica também seria incompreensível

se ignorássemos a situação em que ela surge, seria fragmentária e abreviada em comparação com a linguagem exterior.

A observação gradual do aumento dessas peculiaridades da linguagem egocêntrica permite decompor e explicar as suas propriedades enigmáticas. O estudo genético mostra, de modo direto e imediato, como e de que surge essa fragmentariedade que examinamos como fenômeno primeiro e autônomo. Em termos de lei geral, poderemos afirmar que a linguagem egocêntrica, na medida em que se desenvolve, revela não uma simples tendência para a abreviação e a omissão de palavras, não uma simples transmissão para o estilo telegráfico, mas uma tendência totalmente original para a abreviação da frase e da oração no sentido da manutenção do predicado e dos termos integrantes da oração a ele vinculados à custa da omissão do sujeito e das palavras a ele vinculadas. Essa tendência para uma sintaxe predicativa da linguagem interior aparece em todas as nossas experiências com uma regularidade e uma justeza quase sem exceção; por isto, aplicando no limite o método da interpolação, devemos pressupor a predicatividade pura e absoluta como forma sintática basilar da linguagem interior.

Para explicarmos essa peculiaridade primeira entre todas, é necessário que a comparemos ao quadro análogo que surge em situações limite na linguagem interior. As nossas observações mostram que a predicatividade pura surge na linguagem interior em dois casos básicos: ou numa situação de resposta ou numa situação em que o sujeito do juízo a ser enunciado é de conhecimento antecipado dos interlocutores. Perguntado se quer uma xícara de chá, ninguém vai responder com a frase desenvolvida: “Não, eu não quero uma xícara de chá.” A resposta será puramente predicativa: “Não.” Ela trará apenas o predicado. É evidente que essa oração puramente predicativa só é possível porque o seu sujeito – aquilo de que se fala na oração – é subentendido pelos interlocutores. Do mesmo modo, à pergunta “Seu irmão leu esse livro?”, a resposta nunca será: “Sim, meu irmão leu este livro”, mas uma simples resposta predicativa: “Sim” ou “Leu”.

Uma situação análoga se cria no segundo caso, na situação em que os interlocutores conhecem de antemão o sujeito do juízo a ser emitido. Imaginemos que algumas pessoas aguardem no ponto o bonde “B”, para irem a algum lugar. Ao notar a aproximação do bonde, nenhuma dessas pessoas jamais irá dizer numa frase desenvolvida “O bonde ‘B’, que aguardamos para ir a algum lugar, vem vindo”, pois a enunciação irá reduzir-se sempre a um predicado: “Vem vindo.” Neste caso, a oração puramente predicativa surgiu no discurso vivo só porque o sujeito e as palavras a ele relacionadas eram conhecidos pela situação em que se encontravam os interlocutores. Frequentemente, semelhantes juízos predicativos dão motivo a mal-entendidos cômicos e toda sorte de *quiproquós*, levando o ouvinte a relacionar o enunciado não com o sujeito que o falante tinha em vista mas com outro que estava contido na sua idéia. Em ambos os casos, a predicatividade pura surge quando o sujeito da enunciação está contido nos pensamentos do interlocutor. Se as suas idéias coincidem, ambos têm em vista a mesma coisa e então a compreensão se concretiza integralmente apenas através de dois predicados. Se em suas idéias o predicado se refere a vários sujeitos, surge uma inevitável incompreensão.

Nos romances de Tolstói – que muitas vezes abordou o tema da psicologia da compreensão – é possível encontrar exemplos muito bons da condensação da linguagem exterior e da sua redução a predicados: “Ninguém ouviu o que ele (o moribundo Nicolai Liévin) disse, só Kiti entendeu. Ela compreendeu porque não parava de acompanhar com o pensamento aquilo de que ele precisava.” Poderíamos dizer que, no pensamento dela, que acompanhava o pensamento do moribundo, havia aquele sujeito ao qual se referia uma palavra que ninguém entendia. Entretanto, o exemplo mais notável talvez seja a declaração de amor entre Kiti e Liévin por meio de iniciais:

- Há muito tempo eu queria lhe perguntar uma coisa.
- Pois não, pergunte.

– Veja – disse Liévin, e escreveu a giz as seguintes iniciais: *QVMRINPSIQDNOE*. Essas iniciais significavam: “Quando você me respondeu isto não pode ser, isto quis dizer nunca ou então?”

Não havia nenhuma probabilidade de Kiti decifrar essa frase complicada.

– Eu entendi – disse ela, ruborizada.

– Que palavra é esta? – perguntou ele, apontando para a letra *N*, que significava nunca.

– Quer dizer “nunca” – disse ela – mas isto não é verdade.

Ele apagou rapidamente o que havia escrito, entregou o giz a ela e levantou-se. Ela escreveu: *EENPRD*.

De repente ele corou: tinha entendido. Significava: “Então eu não podia responder diferente.”

Kiti escreveu as iniciais: *PQVPEEPOQA*. Queria dizer: “Para que você pudesse esquecer e perdoar o que acontecera.”

Liévin pegou o giz com os dedos tensos e trêmulos, partiu ao meio e escreveu as iniciais da seguinte frase: “Não tenho o que esquecer e perdoar. Eu nunca deixei de amá-la.”

– Eu entendi – sussurrou ela.

Liévin sentou-se e escreveu uma frase longa. Ela compreendeu tudo e, sem lhe perguntar se era aquilo mesmo, pegou o giz e respondeu imediatamente. Durante muito tempo ele não conseguiu entender o que ela havia escrito e frequentemente a olhava nos olhos. A felicidade o fez ter uma ausência. Ele não encontrava meio de atinar nas palavras que ela subentendia; mas nos olhos belos e radiantes de felicidade dela, ele entendeu tudo o que precisava saber. E escreveu três letras. Mas ele ainda não havia terminado de escrever e ela já lia pela mão dele e terminava de escrever a resposta: “sim”. Na conversa entre eles tudo foi dito; foi dito que ela o amava e contaria ao pai e à mãe, que no dia seguinte ele viria pela manhã à casa dele (*Anna Kariênina*, p. 4, c. XII).

Esse episódio tem uma importância psicológica excepcional porque Tolstói foi buscar todo o episódio da declaração de amor de Liévin e Kiti em sua própria biografia. Foi exatamente

assim que Tolstói declarou a Sófia Andréievna, sua futura esposa, que a amava. Como o exemplo anterior, este tem a relação mais direta com o fenômeno de nosso interesse e é central para toda a linguagem interior: o problema da abreviação. Por outro lado, a compreensão acontece sem nenhum engano. Em outra obra, Tolstói chama a atenção para o fato de que, entre as pessoas que vivem em um grande contato psicológico, a compreensão baseada apenas em uma linguagem abreviada, a meias palavras, é mais uma regra que uma exceção.

“Liévin já se habituara a exprimir ousadamente o seu pensamento, sem se dar ao trabalho de plasmá-lo em palavras precisas: sabia que, em momentos de amor como aqueles, a esposa entenderia o que ele queria dizer por insinuação, e ela o compreendia.”

O estudo desse tipo de abreviações no discurso dialógico levou Yakubinski a concluir que a compreensão por suposição e o enunciado por insinuação a ela correspondente, sob a condição de que se conheça o assunto, e certa generalidade de massas aperceptivas nos interlocutores desempenham um imenso papel no intercâmbio verbal. Polivánov afirma a este respeito:

Em essência, tudo o que falamos necessita de ouvinte que entenda de que se trata. Se tudo o que desejamos enunciar terminasse nos significados formais das palavras empregadas, para enunciar cada pensamento particular necessitaríamos empregar bem mais palavras do que o fazemos em realidade. Nós falamos apenas por intermédio das insinuações necessárias.

Yakubinski tem toda razão, porque nos casos dessas abreviações trata-se de uma original estrutura sintática do discurso, de sua simplicidade objetiva em comparação com um falar mais discursivo. A simplicidade da sintaxe, o mínimo de desarticulação sintática, o enunciado do pensamento em forma condensada e o número consideravelmente menor de palavras, tudo isso são traços que caracterizam a tendência para a predicatividade,

como esta se manifesta na linguagem interior em determinadas situações. O oposto total desse tipo de compreensão com sintaxe simplificada são os casos cômicos de incompreensão que mencionamos e serviram como imagem para uma famosa paródia de conversas entre dois surdos, totalmente desarticuladas entre si pelo sentido:

Dois surdos foram convocados ao tribunal por um juiz surdo.

O surdo gritou: “Ele roubou minha vaca.”

“Tenha dó”, berrou o outro surdo em resposta:

“Essa terra já era do meu falecido avô.”

O juiz resolveu: “não briguem irmão contra irmão.

Os dois são inocentes, a mulher é que é culpada.”

Se compararmos esses dois casos extremos – a declaração entre Kiti e Liévin e o julgamento dos surdos – encontraremos os dois pólos entre os quais gira o fenômeno da abreviação da linguagem exterior. Havendo um sujeito comum nos pensamentos dos interlocutores, a compreensão se realiza plenamente com o auxílio do máximo de discurso abreviado e uma extrema simplificação da sintaxe; em caso contrário, a compreensão não se obtém de maneira nenhuma nem mesmo com discurso desenvolvido. Às vezes não só dois surdos não conseguem se entender mas até mesmo duas pessoas que atribuem conteúdo diferente à mesma palavra ou interlocutores que mantêm pontos de vista opostos. Como notou Tolstói, quem está acostumado ao pensamento solitário e independente não apreende com facilidade os pensamentos alheios e é muito parcial quanto aos seus próprios. Ao contrário, as pessoas que estão em contato talvez compreendam a meias palavras aquilo que Tolstói chama de comunicação lacônica e clara, quase sem palavras, das mais complexas idéias.

Depois de ter estudado nesses exemplos o fenômeno da abreviação da linguagem exterior, podemos voltar enriquecidos ao fenômeno da linguagem interior que nos interessa. Como já

afirmamos, aqui esse fenômeno se manifesta não só em situações exclusivas mas sempre que ocorre o funcionamento da linguagem interior. A importância desse fenômeno ficará definitivamente clara se compararmos a linguagem exterior com a linguagem escrita, por um lado, e com a linguagem interior, por outro. Polivánov afirma que, se tudo o que desejamos exprimir consistisse nos significados formais das palavras que empregamos, necessitaríamos empregar bem mais palavras do que se costuma fazer para exprimir cada pensamento isolado. Mas é precisamente este caso que se verifica na escrita. Ali, em proporções bem maiores que na linguagem falada, o pensamento emitido se expressa nos significados formais das palavras que empregamos. O discurso escrito é um discurso feito na ausência de interlocutor. Por isso é um discurso desenvolvido ao máximo, nele a decomposição sintática atinge o apogeu. Ali, graças à divisão dos interlocutores, raramente são possíveis a compreensão a meias palavras e os juízos predicativos. Na linguagem escrita, os interlocutores estão em diferentes situações, o que exclui a possibilidade de existência de um sujeito comum em seus pensamentos. Por isso, comparado ao discurso falado, o escrito é, neste sentido, maximamente desenvolvido e uma forma de discurso sintaticamente complexa na qual, para enunciar cada pensamento isolado, precisamos empregar muito mais palavras do que se faz com a linguagem falada. Como diz Thompson, na exposição escrita é costume empregar palavras, expressões e construções que pareceriam contranaturais na linguagem falada. A expressão de Griboiêdov "arde como escreve" tem em vista aquela comicidade da transferência de uma linguagem prolixa, sintaticamente complexa e desarticulada, da forma escrita para a falada.

Ultimamente a lingüística vem colocando em um dos primeiros lugares o problema da diversidade funcional da linguagem. Mesmo do ponto de vista lingüístico, a linguagem não é uma forma de atividade discursiva mas um conjunto de funções discursivas diversas. O enfoque funcional da língua, do ponto

de vista das condições e do objetivo da enunciação verbal, passou a ocupar o centro da atenção dos estudiosos. Humboldt já percebia claramente a diversidade funcional do discurso quando aplicada à linguagem da poesia e da prosa, que se distinguem entre si por seus meios e suas tendências e nunca podem fundir-se propriamente porque a poesia é inseparável da música enquanto a prosa está exclusivamente a cargo da linguagem. Segundo Humboldt, a prosa se distingue pelo fato de que a linguagem aproveita as suas próprias prerrogativas mas as subordina ao objetivo que aí domina legitimamente; por meio da subordinação e da combinação de orações na prosa, desenvolve-se originalmente uma eurtímia lógica correspondente ao desenvolvimento do pensamento, na qual o discurso da prosa se ajusta ao seu próprio objetivo. Em ambas as modalidades de discurso a linguagem tem as suas peculiaridades na escolha das expressões, no emprego das formas gramaticais e dos modos sintáticos de fusão das palavras no discurso. Deste modo, pensa Humboldt que as formas de discurso funcionalmente diferentes têm, cada uma, o seu léxico específico, a sua gramática e a sua sintaxe. Este é um pensamento da maior importância. Embora nem o próprio Humboldt nem Potiebnýá, que o imitou e desenvolveu seu pensamento, apreciassem essa tese em toda a sua importância fundamental, e não fossem além de distinguir poesia e prosa e, em prosa, não fossem além de distinguir uma conversa ilustrada e abundante de pensamentos de uma tagarelice cotidiana ou convencional, que serve apenas para comunicar assuntos sem despertar idéias nem sensações; ainda assim, o pensamento desses teóricos, inteiramente esquecido pelos lingüistas e ressuscitado só recentemente, é da mais alta importância não só para a lingüística mas também para a psicologia da linguagem. Como afirma Yakubinski, o próprio enfoque dessas questões nesse plano é estranho à lingüística e foi esquecido nas obras sobre lingüística em geral. Como a lingüística, a psicologia da linguagem, ao desenvolver-se por sua via autônoma, nos coloca perante a mesma tarefa de distinguir a diversi-

dade funcional da linguagem. Entre outras coisas, tanto para a psicologia da linguagem como para a lingüística, ganha importância de primeiro grau a distinção fundamental entre as formas dialógica e monológica de discurso. A linguagem escrita e interior, com as quais comparamos, neste caso, a linguagem falada, são formas monológicas de linguagem. Já a linguagem falada é dialógica na maioria dos casos.

O diálogo sempre pressupõe que os interlocutores conhecem o assunto que, como vimos, permite uma série de abreviações na linguagem falada e, em determinadas situações, cria juízos puramente predicativos. O diálogo sempre pressupõe a percepção visual do interlocutor, de sua mímica e seus gestos, bem como a percepção acústica de todo o aspecto entonacional da fala. Em conjunto, ambos admitem aquela compreensão a meias palavras, aquela comunicação através de insinuações cujos exemplos citamos anteriormente. Só na linguagem falada é possível um diálogo que, segundo expressão de Gabriel Tarde, é apenas o complemento de olhares que um interlocutor lança a outro. Como já dissemos em referência à tendência da linguagem falada para a abreviação, examinamos apenas o aspecto acústico do discurso e citamos um exemplo clássico tirado dos diários de Dostoiévski, que mostra o quanto a entonação facilita uma compreensão sutilmente diferenciada do significado das palavras.

Dostoiévski fala da linguagem dos bêbados, constituída simplesmente de um substantivo que não está no léxico.

Uma vez, em um domingo já quase noite, tive a oportunidade de passar uns quinze passos ao lado de uma turba de operários bêbados, e de repente me convenci de que era possível expressar os mesmos pensamentos, sensações e até reflexões profundas apenas pelo nome desse substantivo que, ainda por cima, tem poucas sílabas. Eis que um rapaz pronuncia de modo brusco e enérgico esse substantivo, sua mais desdenhosa negação disso e daquilo de que antes todos estavam falando. Outro lhe responde repetindo o mesmo substantivo, mas já em um tom e em um sentido bem diferente, ou seja, no sentido de dúvida total

em relação à justeza da negação do primeiro rapaz. De repente o terceiro fica indignado com o primeiro, intromete-se brusca e arrebatadamente na conversa e lhe grita o mesmo substantivo, só que num sentido já de xingamento e impropério. Nisso, o segundo torna a intrometer-se indignado com o terceiro, com o ofensor, e o detém neste sentido: "Por que você se meteu? A gente estava conversando calmamente e não se sabe de onde você se meteu e xingou Filka." E ele externou todo esse pensamento com a mesma palavra, a mesma palavra secreta, o mesmo nome monossilábico de um objeto, apenas levantando o braço e pondo-o no ombro do terceiro. Subitamente um quarto rapaz, o mais jovem do grupo, que até então ficara calado e que talvez tivesse encontrado uma inesperada solução para a dificuldade inicial que originara a discussão, levantou alegremente o braço e gritou... Heureka, o que vocês acham, descobri, descobri? Não, não é nenhuma heureka e eu não descobri; ele apenas repete o mesmo substantivo não lexicografado, apenas uma palavra, só uma palavra.

É possível, como diz Dostoiévski, exprimir todos os pensamentos, sensações e até reflexões profundas com uma palavra. Isto é possível quando a entonação transmite o contexto psicológico interior do falante, o único no qual é possível que a palavra conscientizada seja entendida. Na conversa, ouvida por Dostoiévski, esse contexto consiste uma vez na negação mais desdenhosa, outra vez na dúvida, uma terceira na indignação, etc. Pelo visto, só então o conteúdo interno do discurso pode ser transmitido na entonação, o discurso pode revelar a mais acentuada tendência para a abreviação, e toda uma conversa pode desenvolver-se por meio de uma única palavra.

É perfeitamente compreensível que esses dois momentos, que facilitam a abreviação da linguagem falada – o conhecimento do sujeito e a transmissão imediata do pensamento através da entonação –, sejam totalmente excluídos pela linguagem escrita. É precisamente por isso que aqui somos forçados a empregar bem mais palavras que na linguagem oral para expri-

mir um mesmo pensamento. Por isso a linguagem escrita é a forma de linguagem mais prolixa, exata e desenvolvida. Nela temos de transmitir por palavras o que na linguagem falada se transmite por entonação e pela percepção imediata da situação. Scherba observa que, para a linguagem falada, o diálogo é a forma mais natural. Ele admite que o monólogo é uma forma de linguagem até certo ponto artificial e que a língua descobre o seu verdadeiro ser apenas no diálogo. De fato, no aspecto psicológico, o discurso dialógico é a forma primária de discurso. Exprimindo a mesma idéia, Yakubinski afirma que o diálogo, sendo indubitavelmente um fenômeno da cultura, é, simultaneamente, muito mais um fenômeno da natureza que o monólogo. Para a investigação psicológica, é indubitável o fato de que o monólogo representa a forma superior e mais complexa de discurso, que historicamente se desenvolveu mais tarde que o diálogo. Mas no momento nos interessa comparar essas duas formas apenas em um sentido: no da tendência para a abreviação do discurso e sua redução a juízos puramente predicativos.

A velocidade do ritmo da linguagem oral não é o momento que propicia o fluxo da atividade discursiva na ordem da ação volitiva complexa, isto é, com reflexão, com luta de motivos, escolha, etc.; ao contrário, a velocidade do ritmo da fala pressupõe antes o seu fluxo na ordem da ação volitiva simples e ainda por cima com os elementos habituais. Esta se constata para o diálogo por uma observação simples; de fato, diferentemente do monólogo (especialmente do escrito), a comunicação dialógica pressupõe um enunciado emitido de imediato. O diálogo é um discurso constituído de réplicas, é uma cadeia de reações. O discurso falado, como vimos anteriormente, desde o início está ligado à consciência e à intencionalidade. Por isso, o diálogo quase sempre conclui em si a possibilidade da não-conclusão do enunciado, da enunciação incompleta, da inutilidade de mobilizar todas as palavras que devem ser mobilizadas para revelar o mesmo complexo concebível nas condições do discurso monológico. Em oposição à simplicidade composicional do

diálogo, o monólogo é uma complexidade composicional, que introduz os fatos verbais no campo iluminado da consciência, e a atenção se concentra bem mais facilmente. Aqui as relações discursivas se tornam determinantes e fontes de vivenciamentos que se manifestam na consciência por motivo dessas mesmas relações discursivas.

É perfeitamente compreensível que, neste caso, a linguagem escrita seja diametralmente oposta à falada. Na linguagem escrita, faltam antecipadamente a situação clara para ambos os interlocutores e qualquer possibilidade de entonação expressiva, mímica e gesto. Logo, aqui está excluída de antemão a possibilidade de todas as abreviações de que falamos a respeito da linguagem falada. Aqui a compreensão é produzida à custa de palavras e combinações. A linguagem escrita contribui para o fluxo do discurso na ordem da atividade complexa. Aqui a atividade discursiva se define como complexa. É nisto que se baseia o emprego de rascunhos. O caminho entre o esboço e o ato de passar a limpo é uma via de atividade complexa, mas até mesmo quando não há cópia fatural o momento da reflexão no discurso escrito é muito forte; muito amiúde falamos primeiro para nós mesmos e depois escrevemos: aqui estamos diante de um rascunho mental. Esse rascunho mental da escrita é a linguagem interior, como procuramos mostrar no capítulo anterior. Por isso agora vamos comparar as linguagens falada e escrita com a linguagem interior em face da tendência à abreviação, que é do nosso interesse.

Vimos que na linguagem falada a tendência para a abreviação e para a predicatividade pura dos juízos surge em dois casos: quando a situação de que se fala é clara para ambos os interlocutores e quando o falante traduz na entonação o contexto psicológico do enunciado. Por isso, o discurso escrito não revela tendência para a predicatividade e é a forma mais desenvolvida de discurso. Entretanto, como acontece com a linguagem interior neste caso? Nós nos detivemos tão minuciosamente nessa tendência para a predicatividade na linguagem falada

porque a análise desses fenômenos permite exprimir com toda clareza uma das teses mais obscuras, confusas e complexas a que chegamos como resultado das nossas investigações da linguagem interior: a tese da linguagem interior, tese que tem importância central para todas as questões vinculadas a esse tema. Se na linguagem falada a tendência para a predicatividade surge às vezes (em certos casos, de modo bastante freqüente e regular), se nunca surge na linguagem escrita, surge sempre na linguagem interior. A predicatividade é a forma fundamental e única de linguagem interior e, em termos psicológicos, é formada apenas por predicados, não se verificando uma manutenção relativa do predicado à custa da abreviação do sujeito: verifica-se uma predicatividade absoluta. Ser constituído de sujeitos e predicados desdobrados é uma lei da linguagem escrita; omitir sempre o sujeito e constituir-se apenas de predicados é lei da linguagem interior.

Em que se funda essa predicatividade completa e absoluta da linguagem interior, que se observa constantemente como regra? Como simples fato, conseguimos estabelecê-la pela primeira vez em experimento. Entretanto, tínhamos a tarefa de generalizar, conscientizar e explicar esse fato. Só conseguimos fazê-lo observando a dinâmica da intensificação dessa predicatividade pura entre as suas formas iniciais e as formas finais e comparando, na análise teórica, essa dinâmica da tendência para a abreviação nas linguagens escrita e falada com a mesma tendência que se observa na linguagem interior.

Começemos por essa segunda via, ou seja, pela comparação da linguagem interior com a linguagem escrita e a linguagem falada, ainda mais porque esta via nós já percorremos do fim para o começo e já preparamos tudo para a elucidação definitiva do pensamento. Toda a questão consiste em que aquelas mesmas circunstâncias que, às vezes, criam na linguagem falada a possibilidade de juízos puramente predicativos e estão totalmente ausentes na linguagem escrita são constantes, imutáveis e inseparáveis da linguagem interior. Por isso, a mesma

tendência para a predicatividade deve surgir inevitavelmente – e a experiência o comprova na linguagem interior – como fenômeno constante e, além disso, em sua forma mais pura e absoluta. Por essa razão, se a linguagem escrita é diametralmente oposta à falada em termos de desdobramento máximo e ausência total daquelas circunstâncias que suscitam o declínio do sujeito nesta, a linguagem interior também é diametralmente oposta à falada só que em um sentido inverso, uma vez que nela domina a predicatividade absoluta e constante. A linguagem falada ocupa, assim, uma posição intermediária entre a linguagem escrita e a linguagem interior.

Examinemos mais de perto essas circunstâncias capazes de suscitar abreviação no que se refere à linguagem interior. Lembremos mais uma vez que, na linguagem falada, surgem elisões e abreviações quando o sujeito da enunciação é antecipadamente conhecido pelos interlocutores. Mas esse estado de coisas é lei absoluta e constante da linguagem interior. Sempre sabemos do que se trata em nossa linguagem interior. Estamos sempre a par da nossa situação interior. O tema do nosso diálogo interior é sempre do nosso conhecimento. Sabemos o que pensamos. O sujeito do nosso juízo interior sempre está presente nos nossos pensamentos. Está sempre subentendido. Piaget observa, de certa forma, que nós sempre acreditamos fácil e literalmente em nós mesmos e por isso a necessidade de demonstrar e a habilidade de fundamentar o nosso próprio pensamento só surgem quando as nossas idéias se chocam com idéias alheias. Teríamos o mesmo direito de afirmar que compreendemos especialmente a nós mesmos a meias palavras, por insinuação. Quando falamos a nós, estamos sempre naquela situação que surge de quando em quando no diálogo, mais como exceção do que como regra, e cujos exemplos já citamos. Voltando a esses exemplos, podemos dizer que a linguagem interior sempre transcorre, precisamente como regra, nessa situação em que o falante emite juízos inteiros em um ponto de bonde apenas com o predicado lacônico “B”. Porque sempre estamos a par das

nossas expectativas e intenções. A sós conosco nunca experimentamos a necessidade de recorrer a formulações desenvolvidas como “o bonde ‘B’, que esperamos para ir a algum lugar, vem vindo”. Aqui sempre se revela necessário e suficiente apenas um predicado. O sujeito sempre está na mente, assim como o aluno escolar mantém na mente os restos que passam de uma dezena em uma soma.

Além do mais, em nossa linguagem interior, como Liévin na conversa com a esposa, nós sempre externamos corajosamente a nossa idéia sem nos darmos ao trabalho de revesti-la de palavras exatas. A proximidade psicológica dos interlocutores cria entre os falantes uma identidade de apercepção, o que, por sua vez, é momento determinante para se compreender por insinuação, para a abreviação da linguagem. Mas essa identidade de apercepção na comunicação de si para si é plena, integral e absoluta na linguagem interior, por isso é lei desta linguagem a comunicação lacônica e clara, quase sem palavras, dos pensamentos mais complexos de que fala Tolstói como rara exceção na linguagem falada, só possível quando existe uma íntima proximidade entre os falantes. Na linguagem interior nunca precisamos nomear aquilo de que se fala, isto é, o sujeito. Sempre nos limitamos ao que se diz desse sujeito, isto é, ao predicado. Mas é isto que leva ao domínio da predicatividade pura da linguagem interior.

A análise de uma tendência análoga na linguagem falada nos levou a duas conclusões básicas. Primeira: mostrou que a tendência à predicatividade surge na linguagem falada quando o sujeito da enunciação é antecipadamente conhecido dos interlocutores e quando se está diante de alguma identidade de apercepção entre os falantes. Mas ambas as coisas, levadas ao limite na forma plena e absoluta, sempre se verificam na linguagem interior. Só isto já nos permite entender por que nesta linguagem deve-se observar o domínio absoluto da predicatividade pura. Como já vimos, na linguagem falada essas circunstâncias acarretam a simplificação da sintaxe, o mínimo de de-

composição sintática e uma original construção sintática. Mas aquilo que, nesses casos, se verifica na linguagem falada como uma tendência mais ou menos vaga manifesta-se na linguagem interior em sua forma absoluta, levada ao limite como simplificação sintática extrema, como condensação absoluta do pensamento, como uma estrutura sintática absolutamente nova que, em termos rigorosos, não é outra coisa senão a plena erradicação da sintaxe da linguagem falada e a construção puramente predicativa das orações. Segunda: a análise mostra que a mudança funcional do discurso leva necessariamente à mudança de sua estrutura. Mais uma vez, aquilo que se observa na linguagem falada apenas como uma tendência, mais ou menos fraca, para mudanças estruturais sob a influência das peculiaridades funcionais do discurso, na linguagem interior se observa na forma absoluta e levada ao extremo. Como conseguimos estabelecer nas investigações genética e funcional, a função da linguagem interior leva invariável e sistematicamente a que a linguagem egocêntrica, que no início só se distingue da linguagem social em termos funcionais, vá se modificando gradualmente em sua estrutura, na proporção em que cresce essa diferenciação funcional, até chegar ao limite da plena erradicação da sintaxe da linguagem falada.

Se passarmos dessa comparação da linguagem interior com a linguagem falada para o estudo direto das peculiaridades estruturais da linguagem interior, conseguiremos observar passo a passo a ascensão da predicatividade. De fato, a linguagem egocêntrica ainda se funde inteiramente com a linguagem social em termos estruturais. Mas, na medida em que se desenvolve e se destaca funcionalmente como forma autônoma e independente de discurso, ela revela cada vez mais a tendência para a abreviação, para o enfraquecimento da decomposição sintática, para a condensação. No momento de sua extinção e de sua transformação em linguagem interior, ela já produz a impressão de linguagem fragmentária, uma vez que já está quase inteiramente subordinada à sintaxe puramente predicativa. A obser-

vação desenvolvida durante os experimentos mostra sempre de que maneira e de onde surge essa nova sintaxe da linguagem interior. A criança fala a respeito daquilo em que está ocupada em dado momento, daquilo que está fazendo neste momento, daquilo que tem perante si. Por isso omite cada vez mais, reduz e condensa o sujeito e as palavras a este vinculadas. E reduz cada vez mais o seu discurso a um predicado. Como resultado desses experimentos, conseguimos estabelecer uma lei notável: quanto mais a linguagem egocêntrica se expressa como tal em seu sentido funcional, tanto mais claramente se manifestam as peculiaridades da sua sintaxe em termos da sua simplificação e da perceptividade. Se compararmos em nossas experiências a linguagem egocêntrica da criança naqueles casos em que ela se manifestou no papel específico de linguagem interior como meio de apreensão, na presença de obstáculos provocados experimentalmente, com aqueles casos em que ela se manifestou fora dessa função, poderemos estabelecer sem dúvida o seguinte: quanto mais intensamente se expressa a função intelectual específica da linguagem interior como tal, tanto mais nitidamente se manifestam as peculiaridades da sua estrutura sintática.

Entretanto, essa predicatividade da linguagem interior ainda não esgota todo o conjunto de fenômenos que encontra sua sumária expressão externa na abreviação da linguagem interior se comparado ao discurso falado. Quando tentamos analisar esse fenômeno complexo, tomamos conhecimento de que, por trás dele, esconde-se toda uma série de peculiaridades estruturais da linguagem interior, dentre as quais só examinamos as mais importantes. Em primeiro lugar, deve-se mencionar aqui a redução dos momentos fonéticos do discurso que já verificamos também em alguns casos de abreviação da linguagem falada. A declaração de amor de Kiti e Liévin, uma longa conversa desenvolvida por meio de iniciais de palavras e decifração de frases inteiras, já nos permitiu concluir que, quando a consciência tem um único sentido, o papel das estimulações verbais se reduz

ao mínimo (a iniciais de palavras) e a compreensão transcorre sem erro. Mas essa redução ao mínimo do papel das estimulações verbais mais uma vez é levada ao limite e se observa quase em forma absoluta na linguagem interior, pois a mesma orientação da consciência atinge aqui a sua plenitude. No fundo, na linguagem interior sempre ocorre aquela situação que é uma exceção rara e surpreendente na linguagem falada. Na linguagem interior sempre nos encontramos na situação do diálogo de Kiti e Liévin. Por isso, nesse discurso sempre brincamos de secretária, como um velho príncipe denominou esse diálogo, todo construído na base de adivinhações de frases complexas construídas apenas com iniciais. Encontramos uma surpreendente analogia com esse diálogo nos estudos da linguagem interior desenvolvidos por Lemaitre. Um dos adolescentes estudados por ele, de doze anos, pensa a frase: *Les montagnes de la Suisse sont belles* na forma de uma série de letras: *LmdlSsb*, atrás das quais aparece um vago desenho da linha de uma montanha (41, p. 5). Aqui verificamos no início da formação da linguagem interior um modo absolutamente análogo de abreviação do discurso, de redução do aspecto fonético da palavra às suas iniciais, como se observou no diálogo entre Kiti e Liévin. Na linguagem interior nunca precisamos pronunciar a palavra até o fim. Pela própria intenção já compreendemos que palavras devemos pronunciar. Ao compararmos esses dois exemplos não queremos afirmar que na linguagem interior as palavras sempre sejam substituídas por suas iniciais e o discurso se desenvolva por intermédio de um mecanismo que acabou sendo idêntico em ambos os casos. Temos em vista algo bem mais genérico. Queremos dizer apenas que, assim como na linguagem falada o papel das estimulações verbais se reduz ao mínimo quando a orientação da consciência é a mesma, como se verificou no diálogo entre Kiti e Liévin, da mesma forma na linguagem interior a redução do aspecto fonético, como regra geral, ocorre sempre. A linguagem interior é, no sentido exato, um discurso quase sem palavras. É precisamente em razão disso

que nos parece profundamente notável a coincidência entre os nossos exemplos; o fato de que, em casos raros, tanto a linguagem verbal quanto a linguagem interior reduzem as palavras às suas iniciais, de que tanto lá quanto aqui, às vezes, é possível um mecanismo absolutamente idêntico, nos convence ainda mais da semelhança interna entre os fenômenos da linguagem falada e da linguagem interior por nós comparados.

Por trás da redução sumária da linguagem interior, comparado à linguagem falada, ainda se esconde um fenômeno de importância igualmente central para a compreensão da natureza psicológica desse fenômeno em seu conjunto. Até agora mencionamos a predicatividade e a redução do aspecto fásico da linguagem como duas fontes de onde decorre a abreviação da linguagem interior. Mas esses dois fenômenos já sugerem que existe nessa linguagem uma relação entre os aspectos fásicos do discurso diferente daquela verificada na linguagem falada. O aspecto fásico, a sintaxe e a fonética são reduzidos ao mínimo, simplificados e condensados ao máximo. No primeiro plano manifesta-se o significado das palavras. A linguagem interior opera preferencialmente com a semântica e não com a fonética da fala. Essa relativa independência do significado da palavra em face do aspecto fonético ocorre na linguagem interior com um excepcional relevo. Entretanto, para elucidar esta questão, devemos examinar mais de perto a terceira fonte da abreviação que nos interessa e que, como já afirmamos, é a expressão sumária de muitos fenômenos que são interligados mas independentes e não se fundem diretamente. Encontramos essa terceira fonte na estrutura totalmente original da linguagem interior. A investigação mostra que a sintaxe dos significados e toda a estrutura do aspecto semântico do discurso não são menos originais que a sintaxe das palavras e a sua estrutura sonora. Em que consistem as peculiaridades básicas da semântica da linguagem interior?

Nas nossas pesquisas conseguimos estabelecer três dessas peculiaridades, que são interiormente interligadas e constroem

a originalidade do aspecto semântico da linguagem interior. A primeira, que é fundamental, é o domínio do sentido da palavra sobre o seu significado na linguagem interior. Paulham prestou um grande serviço à análise psicológica da linguagem ao introduzir a diferença entre o sentido e o significado da palavra. Mostrou que o sentido de uma palavra é a soma de todos os fatos psicológicos que ela desperta em nossa consciência. Assim, o sentido é sempre uma formação dinâmica, fluida, complexa, que tem várias zonas de estabilidade variada. O significado é apenas uma dessas zonas do sentido que a palavra adquire no contexto de algum discurso e, ademais, uma zona mais estável, uniforme e exata. Como se sabe, em contextos diferentes a palavra muda facilmente de sentido. O significado, ao contrário, é um ponto imóvel e imutável que permanece estável em todas as mudanças de sentido da palavra em diferentes contextos. Foi essa mudança de sentido que conseguimos estabelecer como fato fundamental na análise semântica da linguagem. O sentido real de uma palavra é inconstante. Em uma operação ela aparece com um sentido, em outra, adquire outro. Esse dinamismo do sentido é o que nos leva ao problema de Paulham, ao problema da correlação entre significado e sentido. Tomada isoladamente no léxico, a palavra tem apenas um significado. Mas este não é mais que uma potência que se realiza no discurso vivo, no qual o significado é apenas uma pedra no edifício do sentido.

Esclarecemos essa diferença entre significado e sentido da palavra tomando por base a palavra final da fábula de Krilov *A libélula e a formiga*. A palavra *dance*, com que termina essa fábula, tem um sentido permanente absolutamente definido, único para qualquer contexto em que venha a ser encontrado. Contudo, no contexto da fábula adquire um sentido intelectual e afetivo bem mais amplo: aí ele já significa simultaneamente “divirta-se e morra”. Esse enriquecimento das palavras que o sentido lhes confere a partir do contexto é a lei fundamental da dinâmica do significado das palavras. A palavra incorpora, absor-

ve de todo o contexto com que está entrelaçada os conteúdos intelectuais e afetivos e começa a significar mais e menos do que contém o seu significado quando a tomamos isoladamente e fora do contexto: mais, porque o círculo dos seus significados se amplia, adquirindo adicionalmente toda uma variedade de zonas preenchidas por um novo conteúdo; menos, porque o significado abstrato da palavra se limita e se restringe àquilo que ela significa apenas em um determinado contexto. O sentido da palavra, diz Paulham, é um fenômeno complexo, móvel, que muda constantemente até certo ponto em conformidade com as consciências isoladas, para uma mesma consciência e segundo as circunstâncias. Nestes termos, o sentido da palavra é inesgotável. A palavra só adquire sentido na frase, e a própria frase só adquire sentido no contexto do parágrafo, o parágrafo no contexto do livro, o livro no contexto de toda a obra de um autor. O sentido real de cada palavra é determinado, no fim das contas, por toda a riqueza dos momentos existentes na consciência e relacionados àquilo que está expresso por uma determinada palavra. Diz Paulham:

O sentido de Terra é o sistema solar que completa a noção de Terra; o sentido de sistema solar é a Via Láctea, o sentido de Via Láctea... Isto quer dizer que nunca sabemos o sentido completo seja lá do que for e, conseqüentemente, o sentido pleno de nenhuma palavra. A palavra é a fonte inesgotável de novos problemas. O sentido de uma palavra nunca é completo. Baseia-se, em suma, na compreensão do mundo e no conjunto da estrutura interior do indivíduo.

O mérito principal de Paulham foi ter analisado a relação do sentido com a palavra e conseguido mostrar que entre ambos existem muito mais relações independentes que entre o significado e a palavra. As palavras podem destoar do sentido nelas expresso. Há muito se sabe que as palavras podem mudar de sentido. Há relativamente pouco tempo foi observado que também se deve estudar como os sentidos mudam as palavras, ou

melhor, que se deve estudar como os conceitos mudam de nome. Paulham apresenta muitos exemplos de como as palavras permanecem enquanto o sentido evapora. Ele analisa frases estereotipadas do cotidiano, por exemplo: "Como você está?", a mentira e outras manifestações de independência das palavras em face do sentido. O sentido também pode ser separado da palavra que o expressa, assim como pode ser facilmente fixado em outra palavra. Da mesma forma que o sentido de uma palavra está relacionado com toda a palavra e não com sons isolados, o sentido de uma frase está relacionado com toda a frase e não com palavras isoladas. Portanto, uma palavra pode às vezes ser substituída por outra sem que haja nenhuma alteração de sentido. O sentido se separa da palavra e assim se preserva. Mas, se as palavras podem existir sem sentido, de igual maneira o sentido pode existir sem palavras.

Mais uma vez nos valem da análise de Paulham para descobrir na linguagem falada um fenômeno semelhante ao que conseguimos estabelecer experimentalmente na linguagem interior. Em regra, na linguagem falada caminhamos do elemento mais estável e constante do sentido, de sua zona mais constante, isto é, da zona do significado da palavra, para as suas zonas mais fluidas, para o seu sentido conjunto. Na linguagem interior, ao contrário, o domínio do sentido sobre o significado – que observamos na linguagem falada em casos isolados como uma tendência mais ou menos fracamente expressa – é levado ao seu limite matemático e representado em forma absoluta. Aqui o domínio do sentido sobre o significado, da frase sobre a palavra, de todo o contexto sobre a frase não é exceção mas regra constante.

Isto nos leva a outras peculiaridades semânticas da linguagem interior. Ambas dizem respeito ao processo de unificação das palavras e sua combinação e fusão. Uma delas é muito semelhante à aglutinação, uma maneira de combinar as palavras bastante comum em algumas línguas e relativamente rara em outras. Na língua alemã, por exemplo, ocorre freqüentemente

a formação de um único significado a partir de uma frase inteira ou de algumas palavras isoladas, que aí integram o significado funcional de uma única palavra. Em outras línguas essa aglutinação de palavras é observada como um mecanismo em permanente atividade. Essas palavras compostas, como diz Wundt, não são agregados fortuitos de palavras mas se formam segundo uma determinada lei. Todas essas línguas aglutinam um grande número de palavras que significam conceitos simples, em suma, que não só traduzem conceitos bastante complexos como ainda designam todas as noções particulares contidas no conceito. Nessa relação mecânica ou aglutinação de elementos da língua, o maior acento sempre recai sobre o radical central ou o conceito principal, donde a causa principal da fácil conceituação em uma língua. Por exemplo, na língua dos *delavarios* existe um vocábulo aglutinado, formado pelas palavras *levar até um lugar, barco* e o pronome pessoal do caso reto *nós* e seu derivado oblíquo *nos*, que significa literalmente: *levar-nos de barco, chegar até nós de barco*. Essa palavra, que costuma ser empregada como um desafio ao inimigo para que ele atravesse o rio, é conjugada em todos os inúmeros modos e tempos das línguas *delavarias*. Neste caso, dois momentos são notáveis: primeiro, as palavras isoladas que integram a composição da palavra aglutinada sofrem constantes abreviações na parte sonora, de sorte que delas só entra uma parte na palavra aglutinada; segundo, a palavra aglutinada que assim se forma e exprime um conceito bastante complexo, em termos funcionais e estruturais, atua como uma palavra indivisa e não como combinação de palavras independentes. Wundt afirma que nas línguas americanas a palavra aglutinada é vista exatamente como a palavra simples, e da mesma forma é declinada e conjugada.

Algo semelhante observamos na linguagem egocêntrica da criança. Na medida em que essa forma de linguagem se aproxima da linguagem interior, a aglutinação, como modo de formação de palavras aglutinadas indivisas para exprimir conceitos complexos, aparece com frequência cada vez maior, com

nitidez cada vez maior. Em suas enunciações egocêntricas, a criança revela cada vez mais essa tendência para a aglutinação a-sintática de palavras, que se manifesta paralelamente ao declínio da linguagem egocêntrica.

A terceira e última peculiaridade da semântica da linguagem interior mais uma vez pode ser melhor esclarecida por comparação com um fenômeno análogo na linguagem falada. Sua essência consiste em que o sentido das palavras, mais dinâmicas e amplas que os seus significados, revela leis de sua unificação e sua fusão diferentes daquelas observadas na unificação e fusão dos seus significados. Denominamos *influência do sentido* o modo original de unificação das palavras que observamos na linguagem egocêntrica, entendendo esse termo ao mesmo tempo em seu significado literal inicial (*influência*) e em seu significado figurado, que já ganhou aceitação geral. Os sentidos como que deságuam uns nos outros e como que influenciam uns aos outros, de sorte que os anteriores como que estão contidos nos posteriores ou os modificam. Quanto à linguagem exterior, observamos fenômenos análogos freqüentes sobretudo no discurso literário. A palavra, depois de passar através de uma obra literária, incorpora toda a diversidade de unidades semânticas nela contidas e, pelo seu sentido, passa a ser como que equivalente a toda a obra em seu conjunto. Isto se pode explicar com especial facilidade tomando como exemplo os títulos das obras de arte. Numa obra de arte literária, o título tem uma relação com ela diferente, por exemplo, do que se verifica na pintura ou na música. Ele exprime e coroa todo o conteúdo semântico da obra numa proporção bem maior do que ocorre; por exemplo, com o nome de um quadro. Palavras como *Dom Quixote*, *Hamlet* e *Ievguiêni Oniéguin* e *Anna Kariênina* traduzem da forma mais genuína essa lei da influência do sentido. Neste caso, uma palavra contém de fato o conteúdo semântico de toda uma obra. Um exemplo especialmente claro de lei da influência dos sentidos é o título da obra de Gógol *Almas mortas*. Originalmente, o título se referia a camponeses servos

mortos, cujos nomes ainda constavam dos registros oficiais e que podiam ser comprados e vendidos como se ainda estivessem vivos. É nesse sentido que as palavras são usadas em todo o livro, que gira em torno desse tráfico com os mortos. Entretanto, sendo o motivo central de todo o livro, essas duas palavras reúnem em si um sentido absolutamente novo e infinitamente mais rico, absorvendo, como uma esponja à umidade, as mais profundas generalizações semânticas de capítulos isolados e imagens, só ficando plenamente saturadas de sentido no final da obra. Agora aquelas palavras já significam uma coisa inteiramente diversa se comparadas ao seu significado inicial; almas mortas não significam os servos mortos e tidos como vivos mas todas as personagens da obra que vivem mas estão espiritualmente mortas.

Algo análogo observamos na linguagem interior, em seu aspecto mais uma vez levado ao extremo. Aqui a palavra parece reunir o sentido das palavras antecedentes e conseqüentes, ampliando quase ao infinito o âmbito do seu significado. Na linguagem interior a palavra é bem mais carregada de sentido que na exterior. Como o título da obra de Gógol, ela é uma espécie de coágulo concentrado de sentido. Para traduzir esse significado para a linguagem do discurso exterior, seria necessário desdobrar em todo um panorama de palavras os sentidos fundidos numa única palavra. De igual maneira, para revelar plenamente o sentido do título da obra de Gógol, seria necessário desdobrá-lo para que atingisse a plenitude do texto de *Almas mortas*. Contudo, uma vez que todo o sentido multiforme dessa obra pode ser contido no âmbito estreito de duas palavras, o imenso conteúdo semântico pode igualmente desaguar no vaso de uma palavra única na linguagem interior.

Todas essas peculiaridades do aspecto semântico da linguagem interior levam ao que todos os observadores qualificaram como ininteligibilidade da linguagem egocêntrica ou da linguagem interior. É impossível entender a enunciação egocêntrica da criança ignorando a que se refere o seu predicado,

sem perceber o que faz a criança e o que ela tem diante de si. Watson afirma que a linguagem interior continuaria incompreensível para nós, mesmo se fosse gravada no disco de um fonógrafo. Essa ininteligibilidade, assim como a abreviação, é um fato observado por todos os pesquisadores mas nunca analisado. Entretanto, a análise mostra que a ininteligibilidade da linguagem interior e sua redutibilidade são derivadas de uma infinidade de fatos e uma expressão sumária dos mais diversos fenômenos. Tudo o que já foi observado até agora, como a sintaxe original da linguagem interior, a redução de seu aspecto fonético e a sua estrutura semântica específica, explica suficientemente e revela a natureza psicológica dessa ininteligibilidade. Entretanto, gostaríamos de abordar mais dois momentos, que condicionam de forma mais ou menos direta essa ininteligibilidade e se escondem por trás dela. O primeiro é uma espécie de efeito integral de todos os momentos acima enumerados e decorre imediatamente da originalidade funcional da linguagem interior. Por sua própria função, essa linguagem não se destina à comunicação, é uma linguagem para si, uma linguagem que transcorre em condições internas inteiramente diversas daquelas verificadas na linguagem exterior e que desempenha funções inteiramente distintas. Por isto, o que deveria surpreender não é que essa linguagem seja ininteligível mas que se possa esperar inteligibilidade da linguagem interior. O segundo momento que determina a inteligibilidade da linguagem interior está vinculado à originalidade da sua estrutura semântica. Para elucidar a nossa idéia, voltamos a comparar o fenômeno da linguagem interior que descobrimos com um fenômeno semelhante na linguagem exterior. Em *Infância, adolescência e juventude*, e em outras passagens de suas obras, Tolstói conta como entre pessoas que levam a mesma vida surgem facilmente significados convencionais de palavras, um dialeto específico, um jargão só entendido por aqueles que participaram do seu nascimento. Esse tipo de dialeto existe entre as crianças de rua. Em determinadas condições, as palavras mudam o

seu sentido habitual e o seu significado e adquirem um significado específico decorrente das condições de seu surgimento. Entretanto, é perfeitamente compreensível que, nas condições da linguagem interior, também deve surgir necessariamente esse dialeto interior. Em seu emprego interior, cada palavra vai adquirindo gradualmente outros matizes, outras nuances semânticas, que se transformam em novo significado da palavra na medida em que se vão constituindo e se condensando. As experiências mostram que, na linguagem interior, os significados das palavras sempre são idiomatismos intraduzíveis para a linguagem do discurso exterior. São sempre significados individuais, compreensíveis apenas no plano da linguagem interior, que também é cheia de idiomatismos, como também de elisões e omissões. Em essência, a influência do multiforme conteúdo semântico sobre uma palavra indivisa sempre representa a formação de um significado individual e intraduzível, isto é, de um idiotismo. Aqui ocorre o que foi representado no exemplo clássico tirado de Dostoiévski, que citamos anteriormente. O que aconteceu na conversa dos seis operários bêbados e é exceção para a linguagem exterior é regra para a linguagem interior. Nesta, sempre podemos exprimir todos os pensamentos, todas as sensações e inclusive reflexões profundas inteiras com apenas um nome. E, naturalmente, neste caso o significado desse nome único para pensamentos complexos, sensações e reflexões acaba sendo intraduzível para a linguagem do discurso exterior, acaba sendo incomensurável com o significado habitual da mesma palavra. Graças a esse caráter idiomático de toda a semântica da linguagem interior, esta naturalmente acaba sendo incompreensível e de difícil tradução para a nossa linguagem comum.

Neste ponto, podemos concluir o resumo das peculiaridades da linguagem interior que observamos em nossos experimentos. Devemos afirmar apenas que todas essas peculiaridades puderam ser constatadas inicialmente no estudo experimental da linguagem egocêntrica, mas para interpretar esses fatos

tivemos de compará-los a fatos análogos e semelhantes no campo da linguagem exterior. Isto nos foi importante não só como via de generalização dos fatos descobertos e, conseqüentemente, de sua correta interpretação, não só como meio para elucidar, com exemplos da linguagem falada, as peculiaridades complexas e delicadas da linguagem interior, mas principalmente porque essa comparação mostrou que na linguagem exterior já existem possibilidades de formação dessas peculiaridades e, assim, confirmou a nossa hipótese sobre a gênese dessa linguagem nas linguagens egocêntrica e exterior. O importante é que, em certas circunstâncias, todas essas peculiaridades podem surgir na linguagem exterior; é importante que isso seja geralmente possível, que as tendências para a predicatividade, para a redução do aspecto fásico da linguagem, para a prevalência do sentido sobre o significado da palavra, para a aglutinação das unidades semânticas, para a influência dos sentidos, para o idiotismo do discurso possam ser observadas também na linguagem exterior, o que, conseqüentemente, a natureza e as leis da palavra admitem e tornam possível. E isto, reiteremos, é para nós a melhor confirmação da nossa hipótese de que a linguagem interior surgiu por intermédio da diferenciação das linguagens egocêntrica e social da criança.

Todas as peculiaridades da linguagem interior aqui observadas dificilmente podem deixar dúvida quanto à justeza da nossa tese básica, segundo a qual a linguagem interior é uma função absolutamente específica, independente, autônoma e original da linguagem. Estamos efetivamente perante uma linguagem que se distingue totalmente da linguagem exterior. Por isto estamos autorizados a considerá-la um plano interior específico de pensamento verbal, que medeia a relação dinâmica entre pensamento e palavra. Depois de tudo o que foi dito sobre a natureza da linguagem interior, sobre a sua estrutura e função, não resta nenhuma dúvida de que a passagem da linguagem interior para a exterior não é uma tradução direta de uma linguagem para outra, não é uma simples incorporação do aspecto

sonoro ao aspecto silencioso da fala, não é uma simples vocalização da linguagem interior mas a reestruturação da linguagem, a transformação de uma sintaxe absolutamente original, da estrutura semântica e sonora da linguagem interior em outras formas estruturais inerentes à linguagem exterior. Como a linguagem interior não é uma fala menos som, a linguagem exterior não é linguagem interior mais som. A passagem da linguagem interior para a exterior é uma complexa transformação dinâmica – uma transformação da linguagem predicativa e idiomática em uma linguagem sintaticamente decomposta e compreensível para todos.

Agora podemos retomar a definição de linguagem interior e sua contraposição à linguagem exterior que serviram de preâmbulo a toda a nossa análise. Afirmamos no início que a linguagem interior é uma função totalmente específica, que, em certo sentido, ela se contrapõe à linguagem exterior. Não concordamos com aqueles que consideram a linguagem interior como algo que precede a exterior, como o seu aspecto interior. Se a linguagem exterior é um processo de transformação do pensamento em palavras, a materialização e a objetivação do pensamento, então aqui observamos um processo de sentido inverso, que parece caminhar de fora para dentro, um processo de evaporação da linguagem no pensamento. Mas o discurso não desaparece de maneira nenhuma em sua forma interior. A consciência não evapora nem se dilui no espírito puro. A despeito de tudo, a linguagem interior é uma linguagem, isto é, um pensamento vinculado à palavra. Mas se o pensamento se materializa em palavra na linguagem exterior, a palavra morre na linguagem interior, gerando o pensamento. A linguagem interior é, até certo ponto, um pensamento por significados puros, mas, como diz um poeta, “no céu logo estaremos cansados”. A linguagem interior é o momento dinâmico, instável, fluido, que se insinua entre os pólos extremos melhor enformados e estáveis do nosso estudo do pensamento verbal: entre a palavra e o pensamento. Por isso o seu verdadeiro significado e o seu lugar

só podem ser elucidados quando dermos mais um passo para dentro na nossa análise e conseguirmos ter ao menos a noção mais geral do plano seguinte e firme do pensamento discursivo.

Esse novo plano do pensamento discursivo é a própria idéia. A primeira importância da nossa análise foi destacar esse plano, separá-lo da unidade em que sempre o encontramos. Já afirmamos que todo pensamento procura combinar uma coisa com outra, tem o movimento, um corte, um desdobramento, estabelece uma relação entre uma coisa e outra, em suma, desempenha alguma função, algum trabalho, resolve algum problema. Esse fluxo e esse movimento do pensamento não coincidem direta e imediatamente com o desdobramento do discurso. As unidades de discurso e as unidades de pensamento não coincidem. Ambos os processos revelam unidade mas não identidade. Estão ligados por complexas transições, por complexas transformações, mas não se sobrepõem como duas retas sobrepostas. O que melhor nos convence disto são aqueles casos em que o trabalho do pensamento termina em fracasso, em que se verifica que o pensamento não se converteu em palavras, como disse Dostoiévski. Para efeito de clareza, voltamos a empregar um exemplo tomado à literatura, uma cena das observações de uma personagem de Glielmo Uspienski. A cena em que um infeliz andarilho, não encontrando palavras para exprimir um pensamento enorme que o domina, tortura-se de impotência e sai para orar aos santos e pedir a Deus que lhe dê entendimento; pois bem, essa cena deixa uma inexprimível sensação de angústia. Na essência, porém, o que sofre essa pobre mente abatida em nada difere da mesma angústia da palavra no poeta ou no pensador. Ele fala quase pelas mesmas palavras:

Eu, meu amigo, poderia te dizer veja o quê; por mais que tenha escondido – é – faltam palavras a esse teu irmão... Veja o que eu vou dizer, parece que é assim que está no pensamento, mas a língua não desenrola. Isso é que é a nossa desgraça idiota.

De quando em quando a escuridão é substituída por fugazes intervalos de luz; o pensamento se aclara para o infeliz e ele, como um poeta, parece que está quase “captando o mistério do rosto conhecido”. Ele passa a explicar-se:

– Se eu, por exemplo, vou para a terra, porque da terra saí, da terra. Se eu for para a terra, por exemplo, de volta, qual é, então, a família que vai me cobrar o resgate da terra.

– Ah-Ah – pronunciamos alegremente.

– Espere, aqui ainda faz falta uma palavra... Vejam, senhores, como é preciso...

O andarilho levantou-se e ficou no meio da sala, preparando-se para virar mais um dedo na mão.

– Aqui ainda não foi dito nada sobre a verdade verdadeira. Vejam só isso: porque, por exemplo... – Mas ele parou e pronunciou vivamente: – A alma, quem te deu?

– Deus.

– É verdade, muito bem, agora olhem para cá...

Nós íamos nos preparar para olhar mas o andarilho tornou a titubear, perdendo a energia, e, batendo com as mãos na cintura, exclamou quase em desespero:

– Não. Você não vai fazer nada. Nada disso é difícil... Ah, meu Deus! Agora eu vou te dizer uma coisinha. Mas veja de que é preciso falar. Aqui é falar da alma, e quanto. Não, não.

Neste exemplo, vê-se nitidamente o limite que separa um pensamento da palavra, o Rubicão intransponível para o falante que separa o pensamento da linguagem. Se o pensamento coincidissem imediatamente em sua estrutura e em seu fluxo com a estrutura do fluxo da linguagem, este caso descrito por Uspienski seria impossível. Mas, em realidade, o pensamento tem a sua estrutura específica e o seu fluxo, e a passagem deste para a estrutura e para o fluxo da linguagem representa grandes dificuldades não só para a personagem da cena acima descrita. É provável que, antes dos psicólogos, os cenógrafos tenham esbarrado no problema do pensamento que se esconde por trás da palavra. Entre outras coisas, no sistema de Stanislavski

encontramos essa tentativa de recriar o subtexto de cada réplica do drama, isto é, revelar cada pensamento e cada desejo que estão por trás da enunciação. Vejamos mais um exemplo. Tchatski diz, na conversa com Sofia:

– Louvado seja aquele que crê, o mundo lhe será caloroso.

Stanislavski revela o subtexto dessa frase como esse pensamento: “Parem com essa conversa.” Da mesma forma poderíamos considerar a mesma frase como expressão de outro pensamento: “Não acredito em suas palavras. O senhor diz palavras confortantes para me tranquilizar”, ou outra frase: “Por acaso não vê o quanto me atormenta? Eu gostaria de acreditar no senhor. Isto seria para mim a glória.” Toda frase viva, dita por um homem vivo, sempre tem o seu subtexto, um pensamento por trás.

Nos exemplos anteriores de ausência de concordância entre sujeito gramatical e psicológico e o predicado, interrompemos a nossa análise e não a levamos até o fim. Assim como uma frase pode expressar vários pensamentos, um pensamento pode ser expresso por meio de várias frases. A própria discrepância entre as estruturas psicológica e gramatical da oração é determinada, em primeiro lugar, pelo tipo de pensamento que se expressa nesta oração. Por exemplo, a frase “O relógio caiu”, em resposta à pergunta “Por que o relógio parou?”, poderia significar “Não é culpa minha se o relógio não está funcionando, ele caiu”. Mas o mesmo pensamento poderia ser expresso por outras frases: “Não tenho o hábito de mexer em coisas dos outros, estava apenas tirando o pó.” Se o pensamento é uma justificativa, pode encontrar sua expressão em qualquer uma dessas frases. Neste caso, as frases mais diferentes por significado irão exprimir o mesmo pensamento.

Assim, chegamos à conclusão de que o pensamento não coincide diretamente com a sua expressão verbalizada. O pensamento não consiste em unidades isoladas como a linguagem. Se desejo comunicar o pensamento de que hoje vi um menino descalço, de camisa azul, correndo rua abaixo, não vejo cada aspec-

to isoladamente: o menino, a camisa, a cor azul, a sua corrida, a ausência de calçados. Vejo tudo isso em um só ato de pensamento, mas o exprimo em palavras separadas. O pensamento sempre é algo integral, consideravelmente maior por sua extensão e o seu volume que uma palavra isolada. Frequentemente, em alguns minutos um orador desenvolve um mesmo pensamento. Esse pensamento está na sua mente como um todo, mas nunca surge gradualmente, por unidades isoladas, como se desenvolve a sua linguagem. Aquilo que no pensamento existe em simultaneidade, na linguagem se desenvolve sucessivamente. Um pensamento pode ser comparado a uma nuvem parada, que descarrega uma chuva de palavras. É por isso que o processo de transição do pensamento para a linguagem é um processo sumamente complexo de decomposição do pensamento e sua recriação em palavras. Exatamente porque um pensamento não coincide não só com a palavra mas também com os significados das palavras é que a transição do pensamento para a palavra passa pelo significado. No nosso pensamento, sempre existe uma segunda intenção, um subtexto oculto. Como a passagem direta do pensamento para a palavra é impossível e sempre requer a abertura de um complexo caminho, surgem queixas contra a imperfeição da palavra e lamentos pela inexpressibilidade do pensamento, como nestes versos de Tiúttchev:

Como exprimir-se um coração,
Como outro irá te entender...

ou:

Ah, se a alma pudesse expressar-se sem palavras!

É para superar essas queixas que surgem as tentativas de fundir palavras, criando novas vias do pensamento para a palavra por intermédio de novos significados. Khliébnikov compa-

rou esse trabalho à abertura de um caminho entre dois vales, falava de um caminho direto entre Moscou e Kiev e se autodenominava desbravador de caminhos da linguagem.

As experiências mostram que o pensamento não se exprime em palavra mas nela se realiza. Às vezes o pensamento não se realiza na palavra como acontece com a personagem de Uspienski. Sabia ele o que queria pensar? Ele sabia, como se sabe, o que se deseja memorizar, só que a memorização não acontecia. Teria começado a pensar? Começara, como se começa a memorizar. Mas terá atingido o pensamento como processo? A resposta só pode ser negativa. O pensamento não é só externamente mediado por signos como internamente mediado por significados. Acontece que a comunicação imediata entre consciências não é impossível só fisicamente mas também psicologicamente. Isto só pode ser atingido por via indireta, por via mediata. Essa via é uma mediação interna do pensamento, primeiro pelos significados e depois pelas palavras. Por isso o pensamento nunca é igual ao significado direto das palavras. O significado medeia o pensamento em sua caminhada rumo à expressão verbal, isto é, o caminho entre o pensamento e a palavra é um caminho indireto, internamente mediatizado.

Resta-nos, por último, dar o último passo conclusivo na nossa análise dos planos interiores do pensamento verbal. O pensamento ainda não é a última instância em todo esse processo. O próprio pensamento não nasce de outro pensamento mas do campo da nossa consciência que o motiva, que abrange os nossos pendores e necessidades, os nossos interesses e motivações, os nossos afetos e emoções. Por trás do pensamento existe uma tendência afetiva e volitiva. Só ela pode dar a resposta ao último *porquê* na análise do pensamento. Se antes comparamos o pensamento a uma nuvem pairada que derrama uma chuva de palavras, a continuar essa comparação figurada teríamos de assemelhar a motivação do pensamento ao vento que movimentava as nuvens. A compreensão efetiva e plena do pensamento alheio só se torna possível quando descobrimos a sua

eficaz causa profunda afetivo-volitiva. Essa descoberta dos motivos, que fazem o pensamento nascer e orientam o seu fluxo, pode ser ilustrada no exemplo que já utilizamos da descoberta do subtexto durante a interpretação cênica de algum papel no palco. Como ensina Stanislavski, por trás de cada réplica da personagem existe o desejo de executar determinadas tarefas volitivas. Aquilo que, neste caso, cabe recriar pelo método da interpretação cênica, no discurso vivo sempre é o momento inicial de qualquer ato de pensamento verbalizado. Por trás de cada enunciação existe uma tarefa volitiva. Por isso, paralelamente ao texto da peça, Stanislavski delineava o desejo correspondente a cada réplica, que movimenta o pensamento e o discurso do herói do drama. Citemos, como exemplo, o texto e o subtexto para algumas réplicas do papel de Tchatski na interpretação de Stanislavski:

Texto da peça – réplicas	Desejos paralelamente delineados
Sofia Ah, Tchatski, estou muito alegre por você.	Tenta esconder a perturbação.
Tchatski Em boa hora estás alegre. Porém, quem se alegra com tanta sinceridade?	Quer levá-la à razão com zombaria. Que vergonha da vossa parte!
Acho que, para rematar, Ao deixar as pessoas e cavalos com calafrio Eu apenas me diverti.	Tenta forçá-la a ser franca.
Lisa Oh, senhor, se o senhor estivesse atrás da porta, garanto que não faz cinco minutos que estávamos falando do senhor. Dizei, senhorinha!	Querendo tranquilizar Querendo ajudar Sofia na difícil situação.

Sofia Não só agora mas sempre. O senhor não pode me censurar.	Querendo acalmar Tchatski. Não tenho culpa de nada!
Tchatski Admitamos que seja assim. Feliz de quem acredita. O mundo lhe será caloroso.	Vamos acabar com essa conversa!, etc

Para entender o discurso do outro, nunca é necessário entender apenas umas palavras; precisamos entender o seu pensamento. Mas é incompleta a compreensão do pensamento do interlocutor sem a compreensão do motivo que o levou a emití-lo. De igual maneira, na análise psicológica de qualquer enunciação só chegamos ao fim quando descobrimos esse plano interior último e mais encoberto do pensamento verbal: a sua motivação.

Aqui termina a nossa análise. Tentemos abranger com um único olhar a que resultados ela nos levou. O pensamento verbal se nos apresentou como um todo complexo e dinâmico, no qual a relação entre pensamento e palavras se revelou como um movimento que passa por uma série de planos internos, como uma transição de um plano a outro. No drama vivo do pensamento verbal, o movimento faz um caminho inverso: do motivo, que gera algum pensamento, para a enformação do próprio pensamento, para a sua mediação na palavra interior, depois nos significados externos das palavras e, por último, nas palavras. Entretanto, seria incorreto imaginar que essa única via do pensamento para a palavra sempre se realiza de fato. Ao contrário, dado o estado atual dos nossos conhecimentos nessa questão, são possíveis movimentos diretos e inversos os mais diversos e dificilmente enumeráveis, são possíveis transições diretas e inversas de uns planos a outros. Mas já agora sabemos, nas linhas mais gerais, que é possível um movimento que se interrompe em qualquer ponto desse complexo caminho, nesse ou naquele sentido: do motivo para a linguagem interior passando pelo pensamento; da linguagem interior para o pensamento; da

linguagem interior para a exterior, etc. Não nos propomos estudar todos esses movimentos multiformes que efetivamente ocorrem na estrada real entre o pensamento e a palavra. Só nos interessou uma questão fundamental: descobrir a relação entre o pensamento e a palavra como processo dinâmico, como via do pensamento à palavra, como realização e materialização do pensamento na palavra.

*
* *
*

Toda a nossa pesquisa seguiu um caminho um tanto inusitado. Procuramos estudar o aspecto interior do pensamento e da linguagem, oculto à observação imediata. Procuramos analisar o significado da palavra, que, para a psicologia, sempre foi a outra face da Lua não estudada e desconhecida. Para ela, até recentemente eram terra desconhecida e insondada o aspecto semântico e todo o aspecto interior da linguagem, pelo qual esta se volta não para fora mas para dentro, para o indivíduo. Estudava-se predominantemente o aspecto fásico da linguagem, aquele em que ela se volta para nós. Por isso, as relações entre o pensamento e a palavra eram entendidas nas mais variadas interpretações como relações constantes, sólidas e consolidadas de uma vez por todas entre os objetos e não como uma relação interior, dinâmica e móvel entre processos. Por isso, poderíamos resumir o resultado básico de toda a nossa pesquisa numa tese: os processos que se consideravam tolhidos de modo uniforme e imóvel são, de fato, interligados pela mobilidade. O que antes se considerava uma construção simples, a pesquisa mostrou que é complexa. No nosso empenho de delimitar os aspectos externo e semântico da linguagem, a palavra e o pensamento, não existe nada a não ser a aspiração de colocar em um aspecto mais complexo e em um vínculo mais sutil a unidade que, em realidade, é o pensamento discursivo. A complexa estrutura dessa unidade, os complexos vín-

culos móveis e as transições entre planos isolados do pensamento verbal só surgem no desenvolvimento. Isto a pesquisa mostrou. A separação entre significado e som, entre palavra e objeto e entre pensamento e palavra são estágios indispensáveis na história do desenvolvimento dos conceitos.

Não tivemos nenhuma intenção de esgotar toda a complexidade da estrutura e da dinâmica do pensamento verbal. Quisemos apenas apresentar uma concepção inicial da grandiosa complexidade dessa estrutura dinâmica, e uma concepção baseada nos fatos experimentalmente conseguidos e elaborados, na sua análise teórica e nas generalizações. Cabe-nos apenas resumir em algumas poucas palavras a concepção geral das relações entre pensamento e palavra que nos surge como resultado de toda a nossa investigação.

A psicologia associacionista concebia a relação entre o pensamento e a palavra como uma relação externa, formada pelo vínculo de dois fenômenos em princípio inteiramente análogo ao vínculo entre duas sílabas sem sentido, que surge no processo de memorização geminada. A psicologia estrutural substituiu essa concepção pela concepção de vínculo estrutural entre pensamento e palavra, mas deixou inalterado o postulado sobre a não-especificidade desse vínculo, colocando-o na mesma série com qualquer outro vínculo estrutural que surge entre dois objetos, por exemplo, entre a vara e o fruto nos experimentos com o chimpanzé. As teorias, que tentaram resolver de modo diferente essa questão, polarizam-se em torno de duas teorias opostas. Um pólo forma a concepção behaviorista do pensamento e da linguagem, que se manifestou na fórmula: pensamento é linguagem menos som. Outro pólo representa a teoria idealista, desenvolvida pelos representantes da Escola de Würzburg e por Bergson, e que postula a total independência entre pensamento e palavra, a deformação que a palavra insere no pensamento. "O pensamento articulado é uma mentira." Esse verso de Tiúttchev pode servir de fórmula que traduz a própria essência dessas teorias. Daí surge o empenho dos psi-

cólogos no sentido de separar a consciência da realidade e, segundo palavras de Bergson, rasgar a moldura da linguagem, abranger os nossos conceitos em seu estado natural, na forma em que são percebidos pela consciência, isto é, livres do poder do espaço. Tomadas em conjunto, todas essas teorias revelam um ponto em comum, inerente a quase todas as teorias do pensamento e da linguagem: um anti-historicismo sumamente profundo e de princípio. Todas elas oscilam entre os pólos do naturalismo puro e do espiritualismo puro. Todas elas abordam igualmente o pensamento e a linguagem fora da sua história.

Por outro lado, só a psicologia histórica, só a teoria histórica da linguagem interior é capaz de nos levar a uma compreensão correta dessa questão grandiosa e sumamente complexa. Procuramos seguir exatamente esse caminho em nossa investigação. Os resultados que obtivemos podem ser traduzidos em algumas poucas palavras. Percebemos que a relação entre pensamento e palavra é um processo vivo de nascimento do pensamento na palavra. Palavra desprovida de pensamento é, antes de mais nada, palavra morta. Como diz o poeta:

Como abelhas em uma colméia vazia,
as palavras mortas cheiram mal.

Mas o pensamento que não se materializa na palavra continua como uma sombra do Estige, “uma neblina, um tinido, um hiato”, como diz outro poeta. Hegel via a palavra como um ser revivificado pelo pensamento. Esse ser é absolutamente indispensável aos nossos pensamentos.

Mas o vínculo entre o pensamento e a palavra não é um vínculo primário, dado de uma vez por todas. Surge no desenvolvimento e ele mesmo se desenvolve. “No princípio era o verbo.” A essas palavras do Evangelho Goethe respondeu pelos lábios de Fausto: “No princípio era a ação”, procurando com isso desvalorizar a palavra. Mas, observa Humboldt, mesmo se com Goethe não colocarmos demasiado alto a palavra como

tal, isto é, a palavra sonora, e com ele traduzirmos o verso bíblico “No princípio era o verbo”, poderemos lê-lo com outro acento se o abordarmos do ponto de vista da história do desenvolvimento. *No princípio* era a ação. Com isto ele quer dizer que a palavra lhe parece o estágio supremo do desenvolvimento do homem comparada à mais suprema expressão da ação. É claro que ele tem razão. A palavra não esteve no princípio. No princípio esteve a ação. A palavra constitui antes o fim que o princípio do desenvolvimento. A palavra é o fim que coroa a ação.

*
* * *

Para concluir a nossa investigação, não podemos deixar de dizer algumas palavras sobre as perspectivas que se abrem além do seu limiar. Nossa investigação nos leva inteiramente ao limiar de outro problema mais vasto, mais profundo, mais grandioso que o problema do pensamento – a questão da consciência. Tivemos sempre em vista o aspecto da palavra que, como a outra face da lua, continuou ignorada pela Terra e pela psicologia experimental. Procuramos estudar a relação da palavra com o objeto, com a realidade. Fizemos empenho de estudar experimentalmente a transição dialética da sensação para o pensamento e mostrar que, neste, a realidade está refletida de modo diferente do que o está na sensação, que o traço distintivo fundamental da palavra é o reflexo generalizado da realidade. Com isto abordamos um aspecto na natureza da palavra, cujo significado ultrapassa os limites do pensamento como tal e em toda a sua plenitude só pode ser estudado em composição com uma questão mais genérica: a da palavra e da consciência. Se a consciência, que sente e pensa, dispõe de diferentes modos de representação da realidade, estes representam igualmente diferentes tipos de consciência. Por isso o pensamento e a linguagem são a chave para a compreensão da natureza da consciência humana. Se “a linguagem é tão antiga quanto a consciência”, se “a

linguagem é uma consciência prática que existe para outras pessoas e, conseqüentemente, para mim”, se a “maldição da matéria, a maldição das camadas móveis do espírito paira sobre a consciência pura”, então é evidente que não é um simples pensamento mas toda a consciência em seu conjunto que está vinculada em seu desenvolvimento ao desenvolvimento da palavra. Pesquisas eficazes mostram, a cada passo, que a palavra desempenha o papel central na consciência e não funções isoladas. Na consciência a palavra é precisamente aquilo que, segundo expressão de Feuerbach, é absolutamente impossível para um homem e possível para dois. Ela é a expressão mais direta da natureza histórica da consciência humana.

A consciência se reflete na palavra como o sol em uma gota de água. A palavra está para a consciência como o pequeno mundo está para o grande mundo, como a célula viva está para o organismo, como o átomo para o cosmo. Ela é o pequeno mundo da consciência. A palavra consciente é o microcosmo da consciência humana.